

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MOISÉS DA ROSA

**O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA A PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE
ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA?**

Florianópolis
2019

MOISÉS DA ROSA

**O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA A PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE
ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA?**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Licenciatura do Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do Título de Professor em
Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr. Bruna Barboza Seron

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra

Rosa, Moisés da

O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA A PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA? / Moisés da Rosa; orientadora, Bruna Barboza Seron, 2019. 76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Dia paralímpico escolar. 2. Inclusão. 3. Atitude. In. I. Seron, Bruna Barboza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

MOISÉS DA ROSA

O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA A PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA?

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Educação Física e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física.

Florianópolis, 12 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Giovani Firpo Del Duca

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Bruna Barboza Seron

Profª. Dra. Bruna Barboza Seron

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Roger Lima Scherer

Profª. Ms. Roger Lima Scherer

Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriela Fischer

Profª. Dra. Gabriela Fischer

Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

O que é? O que é? Não custa nada e tem muito valor?

Durante minha trajetória tive a oportunidade de conhecer pessoas que me ajudaram e, com isso, comecei a sentir gratidão com mais frequência do que estava acostumado e pude aprender com a simplicidade e humildade de algumas destas pessoas que, dar sem receber já é suficiente. Portanto, neste espaço, pretendo tentar lembrar dessas pessoas que, de alguma forma, tiveram e têm importância nesta caminhada, a vida.

Primeiro, agradeço à Deus por, simplesmente, TUDO. Do amanhecer ao entardecer do dia, singelos momentos que me trouxeram serenidade nos dias mais turbulentos. Sei que sempre estive ao meu lado.

Agradeço minha mãe Schirlei por ser base essencial na minha vida, desde sempre sendo responsável por me dar os melhores conselhos e sugestões e que, de muito, abriu mão para dar conforto a mim e meu irmão Mattheus. Grato por ter minha namorada Mariéli, por me auxiliar, ouvir, incentivar e amar sempre, podendo compartilhar momentos únicos. Sou grato também pelo apoio que meu pai Marcos e meu irmão deram durante a graduação. Quero agradecer à minha irmã Jadina que foi a principal incentivadora para o ingresso na Universidade. Reconheço aqui, todo esforço realizado por minha família para estar por perto e compreender os momentos em que estive ausente.

Aos ensinamentos da professora Gabriela Fischer em sua disciplina de educação física adaptada, no qual me fez abrir os olhos para as pessoas com deficiência. Além disso, por indicar a vaga de bolsista no projeto de extensão de goalball, uma ligação que mudou minha vida.

Ao Roger, grande treinador e mentor, por todo o aprendizado sobre goalball, o olhar sobre cada detalhe técnico e a facilidade de transmiti-los em cada explicação.

Desde já, gostaria de agradecer à banca que aceitou avaliar este trabalho e principalmente por fazerem parte de meu percurso acadêmico.

De mesmo modo, ao projeto de extensão sábado no campus, à ACESA, aos amigos atletas, aos colegas bolsistas e ao Léo pela formação, oportunidades e experiências vivenciadas.

À professora Bruna Seron pelos aprendizados e estudos enquanto bolsista de seu projeto de extensão, o que me levou a escrever os primeiros trabalhos científicos e apresentá-los em congressos e seminários. Pela oportunidade de ser monitor de sua disciplina de esportes adaptados na qual aprendi e cresci profissionalmente. Por orientar todas as etapas

deste trabalho, pelas correções que redirecionavam os parágrafos que desviavam da coerência textual e por acreditar neste trabalho. Será minha referência de esportes adaptados. Obrigado por toda mentoria e pelas incontáveis horas de aquisição de conhecimento.

Aos professores de estágio, Chico e Edgard, pelas compreensões a cerca dos conteúdos da educação física na escola.

Ao professor Thiago Matias por toda assistências em tradução, compreensão e discussão dos instrumentos usados neste estudo.

À diretora Néli, a coordenadora Francesca e ao professor de educação física Marcelo, da Escola Municipal José Amaro Cordeiro, pela colaboração feita para que a intervenção utilizada neste trabalho fosse realizada.

Aos amigos da graduação. Jamais esquecerei do grupo COEZ.

À UFSC, por oportunizar inumeras experiências pessoais e profissionais.

À todos que contribuíram, de alguma maneira, em minha trajetória, espero poder retribuir tudo que me foi oportunizado.

*“A inclusão acontece quando se aprende
com as diferenças e não com as igualdades.”*

Paulo Freire

RESUMO

O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA A PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESTUDANTES SOBRE A DEFICIÊNCIA?

O dia paralímpico escolar (DPE) é um programa de educação paralímpica que acontece na escola através de um evento e visa aumentar a conscientização das pessoas sobre deficiência e esporte, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes positivas sobre a deficiência. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi investigar a influência do dia paralímpico na atitude de estudantes sobre a deficiência. A pesquisa contou com a participação de 170 estudantes entre grupo controle (84) e grupo experimental (86) (80 meninos e 90 meninas de 11,9 anos) do ensino fundamental II de uma escola da rede municipal de Florianópolis, SC. A intervenção aconteceu durante um dia, contou com oito modalidades e com a presença de oito atletas paralímpicos. Foram verificadas atitudes perante a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física (CAIPE-R), atitude geral sobre deficiência (CATCH) e atitude em julgamentos de atributos de estudantes para com os colegas com deficiência (Adjective checklist) antes e depois do DPE. Os dados foram tratados por meio de estatísticas descritivas para interpretação dos escores de atitude e análises inferenciais para comparar as informações pessoais com os escores de atitude por meio do teste t independente não pareado e o teste de Wilcoxon para comparar as atitudes pré com as atitudes pós intervenção para um mesmo grupo. Os resultados indicaram que as variáveis de gênero e contato prévio não teve influência na percepção de atitude sobre a deficiência enquanto para a variável de idade, os estudantes mais velhos mostraram-se mais afetivos e mais positivos na percepção de atitude geral sobre a deficiência. Além disso, aqueles que declararam ser muito competitivos apresentaram menor percepção de atitude para flexibilização nas regras do jogo. Aqueles que participaram do DPE tiveram mudanças positivas de atitude para inclusão de colegas com deficiência nas aulas de educação física na sub-escala de inclusão ($p=0,01$). Contudo, esse grupo apresentou redução na atitude no que se refere à flexibilização de regras no jogo ($p=0,03$). O grupo experimental também aumentou positivamente a atitude sobre julgamentos de atributos de um colega com deficiência ($p=0,00$). Em relação aos componentes da atitude geral sobre deficiência, nenhum dos grupos apresentou mudança no componente afetivo. No entanto, o grupo que passou pela intervenção teve mudança de atitude no componente cognitivo ($p=0,00$) enquanto que o grupo controle teve diminuída a atitude no componente comportamental ($p=0,03$). De maneira geral, a intervenção do programa DPE mostrou aumentar positivamente a atitude dos estudantes perante a deficiência, sugerindo então que programas educativos como esse são propulsores na colaboração sobre a conscientização sobre a deficiência e são viáveis e necessários no espaço escolar.

Palavras chave: Dia paralímpico escolar; Inclusão; Atitude.

ABSTRACT

THE SCHOOL PARALYMPIC DAY INFLUENCE THE PERCEPTION OF STUDENT ATTITUDE ON DISABILITY?

Paralympic School Day (PSD) is a Paralympic Education Program that takes place at school through an event and aims to raise people's awareness of disability and sport by contributing to the development of positive attitudes about disability. Thus, the aim of this study was to investigate the influence of the Paralympic Day on the attitude of students about disability. The research was attended by 170 students between control group (84) and experimental group (86) (80 boys and 90 girls of 11.9 years) of elementary teaching II of a school of the municipal network of Florianópolis, SC. The intervention took place during one day, had eight sports and eight paralympic athletes. Attitudes towards the inclusion of students with disabilities in physical education (CAIPE-R), general attitude about disability (CATCH) and attitude towards judging students' attributes towards peers with disabilities (Adjective checklist) before and after PSD. Data were treated using descriptive statistics for the interpretation of attitude scores and inferential analyzes to compare personal information to attitude scores using the unpaired independent t-test and Wilcoxon's test study to compare with pre-attitudes and post-intervention attitudes for the same group. The results indicated that the variables of gender and prior contact had no influence on the perception of attitude about disability whereas for the age variable, older students were more affective and more positive in the perception of general attitude about disability. In addition, those who claimed to be very competitive showed less perception of attitude for flexibility in the rules of the game. Those who participated in the PSD had positive attitude changes to include peers with disabilities in physical education classes on the inclusion subscale. However, this group showed a reduction in attitude regarding the relaxation of rules in the game. The experimental group also positively increased the attitude about attribute judgments of a disabled colleague. Regarding the components of the general attitude about disability, none of the groups showed a change in the affective component. However, the group that underwent the intervention had a change in attitude in the cognitive component while the control group had a decrease in attitude in the behavioral component. Overall, the intervention of the PSD program has been shown to positively increase students' attitude towards disability, thus suggesting that educational programs such as these are instrumental in collaborating on disability awareness and are viable and necessary in the school space.

Keywords: Paralympic school day; Inclusion; Attitude.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícia no site ND Mais com a divulgação do DPE.....	33
Figura 2 - Notícia no site NSC Total com a divulgação do DPE.....	33
Figura 3 - Notícia no site do Centro de Desportos com a divulgação do DPE.....	34
Figura 4 – Abertura do DPE.....	41
Figura 5 – Diretora no meio da quadra organizando os escolares.....	42
Figura 6 – Roda de conversa entre graduandos, atleta de goalball e as crianças.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Valores do dia parolímpico escolar.....	18
Quadro 2 – Atividades sugeridas e seus respectivos valores.....	19 e 20
Quadro 3 – Percepção de atitude sobre inclusão de aluno com deficiência nas aulas de educação física antes e depois da intervenção.....	48
Quadro 4 – Percepção de atitude sobre julgamento de atributos antes e depois da intervenção.....	50
Quadro 5 – Percepção de atitude geral sobre deficiência.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Recomendação de programação para o DPE.....	21
Tabela 2 – Programação utilizada na intervenção (DPE).....	32

LISTA DE ABREVIATURAS

DPE	Dia Paralímpico Escolar.
IPC	International Paralympic Committee.
BNCC	Base Nacional Comum Curricular.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
CAIPE-R	Children's Attitudes towards Inclusive Physical Education – Revised.
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina.
CATCH	Chedoke-mcmaster Attitudes Toward Children with Handicaps

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS.....	17
1.1.1 Objetivo Geral.....	17
1.1.2 Objetivos Específicos	17
1.2 JUSTIFICATIVA.....	18
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	20
2.1 DIA PARALÍMPICO ESCOLAR: PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARALÍMPICA.....	20
2.2 DIA PARALÍMPICO ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE SOBRE A DEFICIÊNCIA.....	25
2.3 ATITUDE SOBRE DEFICIÊNCIA.....	28
3 METODOLOGIA.....	31
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	31
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	32
3.3 ASPECTOS ÉTICOS	32
3.4 O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR COMO INTERVENÇÃO	33
3.5 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	37
3.5.1 Procedimentos	37
3.5.2 Instrumentos.....	38
3.6 ANÁLISES DE DADOS.....	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
4.1 AS CRIANÇAS E O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS.....	43
4.2 COMPARANDO INFORMAÇÕES PESSOAIS COM A PERCEPÇÃO DE ATITUDE	46
4.3 A INFLUÊNCIA DO DIA PARALÍMPICO ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE.....	49
4.3.1 Atitude sobre a inclusão do aluno com deficiência nas aulas de educação física	49
4.3.2 Atitude sobre os julgamentos dos atributos para com colegas com deficiência..	51

4.3.3 Atitude geral sobre deficiência	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	60
ANEXOS	70

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a escola exerce um papel importante no desenvolvimento social do estudante, pois envolveu uma série de questões cognitivas, históricas, afetivas e culturais no processo de aprendizagem. Neste âmbito, a fim de formar cidadãos responsáveis, conscientes e mais atuantes na sociedade, é essencial que a escola exerça sua função social, praticando discussões e ações que melhorem a vida da comunidade.

Dentre as disciplinas escolares, a educação física, por ser parte do conhecimento historicamente produzido, deve reunir o que for de mais significativo ligado aos conceitos de movimento, ginástica, jogo, dança e esporte. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018), a área do conhecimento em que a educação física está inserida é a área de Linguagens, área esta na qual por meio de práticas sociais as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros constituindo-se como sujeitos sociais. As relações estabelecidas nessas práticas possibilitam conhecimentos que proporcionam formação de atitudes positivas além de valores morais, éticos e culturais (BRASIL, 2018) que contribuem para uma sociedade justa, igualitária e inclusiva.

Atualmente as atitudes negativas concebem-se como a principal barreira para o sucesso da inclusão social (ONU, 2006). Portanto, auxiliar na formação de atitudes positivas é significativo, porque a atitude trata-se de um processo de consciência individual que determina possíveis atividades reais do indivíduo no mundo social, ou seja, as atitudes exercem influência sobre o comportamento e sobre a maneira de ver o mundo (NEIVA; MAURO, 2011).

Na educação física escolar, a prática e o conhecimento do conteúdo esporte adaptado, que tratam-se de práticas regulamentadas para pessoas com deficiência, têm sido utilizado como ferramenta para o aumento da consciência sobre a deficiência tornando-se um bom veículo para colaboração de diminuição de barreiras para a inclusão social (MCKAY; PARK; BLOCK, 2018). Neste sentido, programas educacionais de conscientização sobre a deficiência têm sido incentivados no ambiente escolar.

O dia paralímpico escolar (DPE), por exemplo, é um programa do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) que promove, por meio de um evento organizado dentro da escola, consciência e entendimento sobre as pessoas com deficiência e esporte, de maneira criativa, dinâmica, divertida e flexível. Este programa teve início em 2003 em países na Europa (Alemanha, Bélgica, Grécia, Letônia, República Tcheca e Suécia) a partir do Comitê Paralímpico Europeu (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE - IPC, 2006).

Atualmente, existem diversos estudos nos Estados Unidos e, principalmente, na Europa analisando a influência do DPE na mudança de atitudes de escolares sobre a deficiência (JEŠINA et al., 2006; VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006; PANAGIOTOU; KUDLÁČEK; EVAGGELINOU, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008; XAFOPOULOS; KUDLÁČEK; EVAGGELINOU, 2009; LIU; KUDLÁČEK; JEŠINA, 2010). No entanto, ao observar o contexto nacional, a revisão bibliográfica de Borgmann e Almeida (2015) não encontraram estudos brasileiros relacionados à influência do DPE na percepção de atitudes de escolares, portanto não se sabe a realidade brasileira sobre este tema.

Diante do exposto, parece relevante incentivar programas de conscientização no espaço escolar e verificar possíveis mudanças de atitudes decorrentes desse programa na escola. Sendo assim, a conclusão deste estudo pode auxiliar na compreensão mais aprofundada sobre o tema nas salas de aula das escolas e das universidades brasileiras, e também na formação de atitudes positivas sobre as pessoas com deficiência diminuindo barreiras sociais para a inclusão social. Assim, o presente estudo busca responder se o DPE influencia a percepção de atitude de estudantes do ensino fundamental II da Escola Municipal José Amaro Cordeiro (Florianópolis – SC)?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a influência do dia paralímpico escolar na percepção de atitude sobre a deficiência de alunos de uma escola municipal de Florianópolis.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Comparar informações pessoais (sexo, idade, contato prévio com a deficiência e percepção de competitividade) com a percepção de atitude sobre a inclusão do aluno com deficiência nas aulas de educação física (inclusão na aula e flexibilização nas regras do jogo); com a percepção sobre a atitude geral sobre a deficiência (componente cognitivo; componente afetivo e componente comportamental) e com a percepção sobre os julgamentos dos atributos para com colegas com deficiência.
- Verificar a influência do DPE e das variáveis na percepção de atitude sobre a inclusão do aluno com deficiência nas aulas de educação física (inclusão na aula e

flexibilização nas regras do jogo); na percepção sobre a atitude geral sobre a deficiência (componente cognitivo; componente afetivo e componente comportamental) e na percepção sobre os julgamentos dos atributos para com colegas com deficiência.

1.2 JUSTIFICATIVA

Durante o período de graduação em educação física – Licenciatura me identifiquei com área de Esportes Adaptados, servindo de motivação pessoal para abordar esse tema. Por conta disso, entrei como bolsista no projeto de extensão, intitulado “iniciação e treinamento de goalball”, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que tem como objetivo oferecer esse esporte para pessoas com deficiência visual incluindo essas pessoas na sociedade. Esse esporte também estimula uma qualidade de vida melhor nos participantes proporcionando a prática do goalball e convívio social dos mesmos com os graduandos, contribuindo para a inclusão das pessoas com deficiência visual em atividades sociais, estreitando as dificuldades, barreiras e preconceitos enfrentados no cotidiano das pessoas com deficiência.

Tendo em vista que a escola é um campo de trabalho do professor de educação física e que cada vez mais as pessoas com deficiência estão inseridas neste espaço depois de uma longa batalha histórica, o aluno da graduação deve ter o máximo de contato possível com esse público montando suas aulas para que todos possam ter as mesmas oportunidades de participação.

No entanto, esta é uma área pouco explorada nas disciplinas de esportes do curso deixando de apresentar reflexões acerca do esporte adaptado. De forma geral, isso acaba aumentando as barreiras impostas pela sociedade que segue uma tendência segregadora na qual devemos repudiar ao máximo os preconceitos e as barreiras.

Durante algumas observações escolares (escolas públicas) realizadas nas disciplinas de estágios, ficou exposto que os alunos com deficiência não participam das aulas de educação física. Independente do motivo é importante que esses alunos participem e seus colegas sem deficiência podem ser os principais auxiliares para isso. Percebemos cada vez mais a necessidade de um ensino equitativo nas aulas de educação física. Dessa maneira, o programa do dia paralímpico escolar pode auxiliar na conscientização dos alunos sem deficiência para que possam potencializar a participação dos colegas com deficiência.

A educação física como área de conhecimento, auxilia na formação do cidadão, utilizando o esporte como ferramenta, contribuindo com sua qualidade de vida e no desenvolvimento moral, cultural, e social através da interação com os demais indivíduos. O esporte adaptado é uma proposta de conteúdo que vai ao encontro desses objetivos. Por isso, foi realizada a inserção do Programa dia paralímpico escolar com intuito de analisar se esse processo poderá transformar a atitude dos estudantes sem deficiência em relação aos escolares com deficiência.

Ao observar a lacuna científica que existe no Brasil em relação a este tema, bem como uma limitada exploração de programas como o DPE, notamos a viabilidade de elaboração deste trabalho com ênfase na disseminação de conhecimento sobre deficiência e seu potencial dentro da área de educação física e, principalmente, esportes adaptados.

Como benefícios, pensamos que esse trabalho pode incentivar programas de conscientização sobre a deficiência em futuras pesquisas e verificar possíveis mudanças de atitudes decorrentes desse programa na escola. Este estudo também pode auxiliar na compreensão de formação de atitudes positivas sobre a inclusão da pessoa com deficiência diminuindo barreiras atitudinais para a inclusão social.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura apresentará a fundamentação teórica que serviu de base para este trabalho indicando alguns aspectos e definições conceituais referentes à atitude, a uma proposta de educação paralímpica e aos efeitos do dia paralímpico escolar na atitude sobre deficiência.

2.1 DIA PARALÍMPICO ESCOLAR: PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARALÍMPICA

O dia paralímpico escolar (DPE) é um programa do Comitê Paralímpico Internacional que promove, através de um evento organizado dentro da escola, conscientização e entendimento sobre as pessoas com deficiência e esporte, de maneira criativa, dinâmica, divertida e flexível. Tem como objetivo criar compreensão e desenvolver atitude positiva em relação às pessoas com deficiência; ajudar os jovens a compreender o direito ao desenvolvimento autônomo e igual participação; aumentar a conscientização sobre as ideias e valor educacional no Movimento Paralímpico; apoiar e criar programas de educação e recursos em vários idiomas e formas de comunicação (IPC, 2019).

O IPC divulgou em seu site, um manual, criado em 2006, sobre o DPE com seus objetivos, conceitos e sugestões para aplicar o DPE. O programa do DPE usa a educação física e o esporte paralímpico para atingir seus objetivos, para isso o programa é dividido em três fases: uma fase anterior ao evento para fornecer informações aos participantes e iniciar o planejamento do DPE, a fase seguinte é a implementação do DPE em si, na qual acontecem as atividades esportivas e culturais que os alunos são incentivados a aprender, praticam esportes para pessoas com deficiência interagindo com os atletas das modalidades. A última fase acontece após o evento, com o intuito de dar continuidade ao processo educacional ampliando as experiências e conhecimentos adquiridos no DPE, os alunos podem refletir sobre as experiências vivenciadas, os professores são incentivados a continuar o processo de aprendizagem incluindo no currículo (IPC, 2019).

O conceito do DPE integra flexibilidade e criatividade individual sem deixar de lado algumas características importantes nesse caminho, são elas: DPE como um processo contínuo de educação no qual a conscientização sobre deficiência e mudança de atitude acontecem a longo prazo; a transferência de conhecimento no DPE se trata do aprofundamento dos professores no assunto, discutir a rotina de uma pessoa com deficiência

além das habilidades esportivas de um atleta para que os alunos possam transmitir este tema para o ambiente externo (família e amigos); o DPE com diferentes métodos de aprendizagem procura garantir um conhecimento eficaz misturando atividades conduzidas por professores, interação direta com os atletas e atividades em que os alunos fazem sua própria experiência; as reflexões das atividades do DPE devem ser cuidadosamente planejadas para criar um ambiente aberto e confortável para todos, lembrando estar de acordo com a idade dos alunos e do tempo das atividades (recomenda-se de 40 à 45 minutos por atividade); o IPC tem sua missão e visão que serviram como base para os quatro valores do DPE, as atividades propostas no DPE devem combinar os valores (Quadro 1) para uma abordagem mais profunda sobre o tema (IPC, 2019).

Os valores são: respeito pela realização esportiva; respeito e aceitação das diferenças individuais; esporte como um direito humano; empoderamento e apoio social no esporte (IPC, 2019).

Quadro 1 - Valores do dia paralímpico escolar

1 Respeito pela realização esportiva
1.1 Conhecer os diferentes esportes e adaptações. 1.2 Adquirir conhecimento sobre classificação esportiva e deficiência. 1.3 Experimentar encontro atletas com deficiência de elite.
2 Respeito e aceitação das diferenças individuais
2.1 Tornar-se consciente das diferenças individuais. 2.2 Ganhar conhecimento sobre as pessoas com deficiência. 2.3 Experimentar ser diferente.
3 Esporte como um direito humano
3.1 Tornar-se ciente do fato que as pessoas com deficiência têm o direito de participar do esporte. 3.2 Ganhar conhecimento sobre maneiras de praticar a educação física inclusiva. 3.3 Obter experiência sobre acessibilidade e inacessibilidade. 3.4 Experimentar uma atitude positiva em relação à participação de pessoas com deficiência no esporte.
4 Empoderamento e apoio social no esporte
4.1 Experimentar o sucesso e o fracasso (e as emoções relacionadas). 4.2 Ganhar conhecimento para usar formas adequadas de reforço. 4.3 Experimentar histórias de atletas com deficiência.

Fonte: INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Paralympic School Day – Manual. 2019, p. 9. traduzido e publicado por Borgmann e Almeida (2015).

Foram criados cartões com uma série de sugestões de atividades (Quadro 2) em cada um dos valores, cada cor reflete um valor específico: azul = respeito pela conquista esportiva; verde = respeito e aceitação das diferenças individuais; vermelho = esporte como direito

humano; amarelo = capacitação e apoio social no esporte. Os cartões apresentam diretrizes sobre como adaptar as atividades com abordagens diferentes para diferentes faixas etárias. Essas atividades estão expressas como propostas e não como regras, ressaltando a criatividade e a experiência de ensino para, se necessário, adaptar o ambiente e objetivos específicos mantendo o foco na avaliação dos resultados após o evento (IPC, 2006).

Quadro 2 – Atividades sugeridas e seus respectivos valores

Nº	Título e Atividade	Valores
01	Atletismo: Praticando habilidades do Atletismo (campo e pista).	Respeito pela realização esportiva.
02	Bocha: Praticando habilidades da Bocha.	
03	Goalball: Praticando habilidades do goalball.	
04	Voleibol Sentado: Praticando habilidades do Voleibol Sentado.	
05	Basquete em Cadeira de Rodas: Praticando habilidades do Basquete em Cadeira de Rodas.	
06	Rúgbi em Cadeira de Rodas: Praticando habilidades do Rúgbi em Cadeira de Rodas.	
07	Esportes de Inverno: Ski Alpino, Ski Cross Country e Hóquei no Gelo.	
08	Um Conto de Fadas: Discussão em classe sobre inclusão.	Respeito e aceitação das diferenças individuais.
09	Visão: Simulando cegueira ou deficiência visual.	
10	Jogo da Foto: Experimentando similaridades e diferenças.	
11	Equipamento: Pista de obstáculos – como usar o equipamento adaptado.	
12	Acessibilidade: Descobrir a acessibilidade da escola.	
13	Tênis de Mesa: Praticando habilidades do Tênis de Mesa.	Esporte como um direito humano
14	Futebol: Praticando habilidades do Futebol adaptado.	
15	Dança: Praticando Dança inclusiva.	
16	Jogos Paralímpicos: Vídeo de apresentação e discussão sobre os Jogos Paralímpicos.	
17	Quiz: Adquirindo conhecimento sobre esportes e atletas paralímpicos.	
18	História de Atleta: Encontro com atleta com deficiência.	Capacitação e apoio social no esporte.
19	Classificação: Examinando a classificação funcional no esporte paralímpico.	
20	Arte: Refletindo através da arte.	

Fonte: INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Paralympic School Day – Manual. 2019, p. 9. traduzido e publicado por Borgmann e Almeida (2015).

Na fase que antecede o DPE, o planejamento deve ser cuidadoso para garantir que o programa atinja seus objetivos. Esse período deve ser inferior a dois meses, enquanto isso os professores preparam os estudantes para adquirir informações corretas e realistas do cotidiano da pessoa com deficiência sem o foco no modelo médico e enfatizando a igualdade de direitos, acessibilidade e participação nas esferas sociais das pessoas com deficiência. Neste momento, cabe uma interdisciplinaridade dentro da escola para otimizar a educação dos alunos. Os professores devem incentivar os alunos a se atentarem nas semelhanças, descobrir novos interesses e habilidades equivalentes às pessoas com deficiência. Ligado a isso, a apreciação das diferenças individuais também deve ser incentivada (IPC, 2019). Liu, Kudláček e Ješina (2009) dizem que o IPC fornece um bom exemplo de como organizar um programa educacional paralímpico dentro das escolas.

É importante que se considere os seguintes itens ao planejar um DPE: 1) Considerações iniciais no planejamento: no mínimo dois meses antes do evento, um comitê organizador deve ser definido junto com um coordenador durante a duração do DPE; 2) Avaliação das condições: (a) considerar o número de alunos participantes, sua idade e experiência anterior com pessoas com deficiência; (b) responsáveis pelas estações, podem ser professores, atletas ou indivíduos envolvidos no DPE; (c) voluntários disponíveis, recomenda-se entrar em contato com estudantes de educação física nas universidades; (d) revisar o ambiente, pois alguns esportes exigem locais específicos e revisar também a acessibilidade dos locais e; (e) diversas atividades sugerem o uso de equipamento especial, verificar qual dos equipamentos sugeridos será usado para cada atividade específica; 3) Planejando o DPE: (a) definir uma data; (b) selecionar as atividades; (c) selecionar como serão as cerimônias de abertura encerramento; (d) criar grupos; (e) selecionar e treinar responsáveis pelas sessões, assistentes e os atletas; 4) Preparações (considerar despesas financeiras): (a) hospedagem e viagens; (b) despesas de aluguel; (c) hidratação; (d) roupas adequadas e chapéu; (e) materiais; (f) impressão de convites e/ou certificados; (g) equipamentos artesanais; (h) envolvimento de atletas paralímpicos; (i) equipamentos necessários e (j) reunião com os responsáveis e voluntários das sessões (IPC, 2006).

Na fase de implementação do evento, os preparativos são concluídos e os equipamentos estão prontos para o uso enquanto os alunos estão prontos para a experiência com atividades diferentes. Neste ponto, o coordenador deve ter atenção não só com o tempo de cada atividade, mas também deve considerar o tempo de deslocamento entre as atividades

e o tempo para guardar os equipamentos ao fim do DPE (IPC, 2006). Abaixo uma tabela (Tabela 1) para exemplo de programação para o DPE.

Tabela 1 - Recomendação de programação para o DPE

Grupos	1	2	3	4	5	6
	CERIMONIA DE ABERTURA					
45 minutos	Atletismo		Bocha	Artes	Deficiência visual	Dança
45 minutos	Bocha	Deficiência visual	Atletismo		Artes	Deficiência visual
45 minutos	Dança	Bocha	Deficiência visual	Dança	Atletismo	
	PAUSA PARA ALIMENTAÇÃO					
45 minutos	Jogo de perguntas		Artes	Deficiência visual	Dança	Bocha
45 minutos	Artes	Dança	Jogo de perguntas		Bocha	Artes
45 minutos	Deficiência visual	Artes	Dança	Bocha	Jogo de perguntas	
	CERIMONIA DE ENCERRAMENTO					

Fonte: INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. Paralympic School Day – Manual. 2019, p. 9. traduzido e publicado por Borgmann e Almeida (2015).

Outro fator importante é a preparação dos responsáveis pelas estações, devem estar abertos e flexíveis às respostas dos alunos. O DPE deve ser divertido e emocionante para todos os envolvidos, principalmente para os alunos (IPC, 2006).

Na última fase do programa, destaca-se o acompanhamento após o DPE para expandir os conhecimentos adquiridos. Os estudantes podem refletir sobre as atividades em algumas disciplinas além da educação física da sua escola. Assim como os cartões, as atividades de acompanhamento podem ser estruturadas usando os valores. 1) Respeito pelas conquistas esportivas: (a) solicitar que os alunos realizem pesquisas sobre eventos esportivos ou comparecer em eventos pessoalmente e posteriormente uma reflexão sobre o evento. (b) escolher um esporte ou atleta baseado no DPE e acompanhar seu progresso; 2) Respeito e aceitação de diferenças individuais: (a) entendendo as diferenças: alunos experimentam situações de deficiências (uso de vendas ou cadeira de rodas), importante que seja realizada uma reflexão por escrito. (b) Sensibilização: em conjunto com atletas locais, os alunos podem organizar um evento sobre conscientização semelhante a algum experimentado no DPE usando os cartões; 3) O esporte como um direito humano: (a) Acessibilidade (cartão 12): os alunos podem formar pequenos grupos e um deles pode simular uma deficiência (usar vendas ou cadeira de rodas) e então, mapear a acessibilidade em alguns pontos da cidade. (b) educação física inclusiva: durante a aula de educação física, um aluno pode simular uma deficiência (usar vendas ou cadeira de rodas) para que em seguida a turma prepare algumas

atividades voltadas para a inclusão deste colega, enquanto o professor fica de mediador dando orientações a turma referente as atividades. (c) Avaliação das atividades: para verificar as atitudes dos alunos antes e depois do DPE, podem ser usadas algumas técnicas como: discussões em grupos, expressão escrita ou por desenhos e questionários padronizados; 4) Empoderamento e apoio social no esporte: (a) Simbolismo: com os conhecimentos das imagens paralímpicas adquiridos no DPE (símbolos, emblemas e mascotes), sua história e legado, os alunos podem criar pôsteres para divulgação dos esportes e jogos paralímpicos. (b) Prestar assistência: os alunos mais velhos (anos finais do ensino fundamental II) podem descobrir e entender várias técnicas para ajudar as pessoas com deficiência. Os alunos podem refletir na sala sobre materiais utilizados para pessoas com deficiência e definir quais materiais e métodos serão adequados ou não para fornecer ajuda, nesta atividade, simulações podem ser utilizadas (IPC, 2006).

Segundo o Comitê Paralímpico Internacional (2019), através de programas como o DPE, os professores podem incentivar seus alunos a participarem de programas de conscientização sobre a deficiência e, assim, disseminar esse e outros programas para outros colegas na área. O DPE é uma oportunidade educacional oferecida aos alunos em seu ambiente escolar. A ideia é promover conscientização e atitudes mais positivas sobre a pessoa com deficiência e atrelado a isso, está a inclusão dos alunos com deficiência tanto nas aulas de educação física quanto no seu dia a dia.

2.2 DIA PARALÍMPICO ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE SOBRE A DEFICIÊNCIA

Alguns estudos têm se proposto a verificar a influência do DPE na percepção de atitude sobre a deficiência. Esses estudos são, em maioria, realizado na Europa e também nos Estados Unidos, porém, em nosso país, este tema ainda é pouco explorado.

Para verificar a atitude alguns instrumentos têm sido comumente utilizados. O instrumento varia de acordo com o objetivo. O principal instrumento utilizado é o CAIPE-R (Block, 1995) que avalia a atitude sobre um escolar com deficiência nas aulas de educação física. Ele é dividido em atitude geral sobre a inclusão de um aluno com deficiência nas aulas de educação física e atitude sobre flexibilidade de regras de uma modalidade específica.

Outro instrumento, que parece complementar, é o Adjective Checklist (Siperstein's, 2006). Esse instrumento é uma ferramenta para identificar estereótipos com base em seus 34 adjetivos descrevendo sentimentos afetivos, comportamentos acadêmicos, aparência física e

comportamento social. Assim como o CAIPE-R, esse instrumento foi desenvolvido para crianças com idade escolar com linguagem simples e fácil preenchimento.

Ainda, alguns estudos mais recentemente têm utilizado o CATCH, que avalia de maneira geral a percepção de atitude sobre a deficiência nas diferentes categorias (afetivo, cognitivo e comportamental).

Apesar de o IPC fornecer orientações de como realizar o DPE, esse programa acontece de diferentes maneiras de acordo com o contexto escolar e sociocultural. Em 2009, por exemplo, na República Tcheca, o DPE foi realizado numa escola internacional e teve a participação de 71 crianças originárias de cinco países (XAFPOULOS; KUDLÁČEK; EVAGGELINO, 2009). Nesse estudo, foram realizadas seis atividades (esporte paralímpico; hockey; mobilidade em cadeira de rodas; basquetebol em cadeira de rodas; conhecer um atleta e bocha). Cada estação tinha tempo de 40 minutos e contava com 12 crianças em cada atividade. Os autores investigaram a atitude por meio do CAIPE-R e Adjective Checklist, e como resultado, apesar de os dados indicarem uma tendência de aumento de atitude positiva, estatisticamente somente as meninas tiveram atitudes, significativamente, mais positivas por meio do Adjective Checklist.

De mesmo modo, Liu, Kudláček e Ješina (2010), realizaram um estudo com 36 alunos de duas turmas do 6º ano com média de idade de 12 anos em uma escola da República Tcheca. Três estações com duração de 45 minutos cada foram usadas neste estudo. Foram utilizados o Adjective Checklist e o CAIPE-CZ (versão modificada do CAIPE-R). Nos resultados, as meninas apresentaram atitudes mais positivas em relação às pessoas com deficiência do que os meninos antes da intervenção do DPE através do Adjective Checklist e, após a intervenção, as meninas aumentaram ainda mais sua atitude. Esses resultados se assemelham com a concepção de que meninas são mais suscetíveis e favoráveis à atitudes positivas sobre a inclusão (TOWNSEND; HASSALL, 2007).

Por outro lado, muitos outros estudos não encontraram diferenças na percepção de atitude entre sexos (PANAGIOTOU et al, 2008; MCKAY, 2013; MCKAY; BLOCK; PARK, 2015; MCKAY; PARK; BLOCK, 2018). Panagiotou et al. (2008) encontraram aumentos positivos na atitude em meninos e meninas que participaram do DPE. Esse estudo, diferente do citado anteriormente, investigou a percepção de atitude em dois grupos, aqueles que participaram do DPE (86 alunos) e o grupo controle, que não foi submetido ao programa (92 alunos). Esses estudantes tinham média de idade de 12 anos e pertenciam a três escolas públicas na Grécia. O grupo experimental recebeu a intervenção do DPE que incluiu dez estações (18 a 20 alunos) com duração de 15 minutos cada. As estações foram: direitos

humanos; jogos paralímpicos; bocha; classificação funcional; vôleibol sentado; goalball; jogos de acessibilidade; pintura; basquetebol em cadeira de rodas e atletismo. O CAIPE-R (Block, 1995) foi o instrumento utilizado neste estudo com uma modificação para atender às diferenças culturais dos esportes na Europa. Os resultados do pré-teste não mostraram diferenças entre os dois grupos, enquanto os resultados do pós-testes mostraram diferenças significativas apenas em atitudes gerais (afirmações relacionadas com a participação de um colega com deficiência nas aulas de educação física) e não em esportes específicos (flexibilização de regras para facilitar que o colega com deficiência jogue) após a implementação do programa DPE.

Por outro lado, a pesquisa de McKay, Park e Block (2018) encontrou efeito positivo que foi significativo nas quatro análises (CAIPE-R geral, sub escala de inclusão, sub escala de modificação esportiva nas aulas de educação física e Adjective Checklist) nos alunos que passaram pela intervenção do DPE. Este estudo contou com 143 estudantes da sexta série divididos em: grupo experimental com 71 alunos que passaram pelo DPE e grupo controle com 72 alunos que continuaram com as aulas regulares de educação física.

A compreensão das variáveis associadas à atitude gênero, competitividade e contato devem continuar sendo exploradas devido aos estudos apresentados demonstrarem uma variação nos resultados baseados na mesma ideia. Esses diferentes resultados indicam a necessidade de mais pesquisas sobre estudos de intervenção.

Borgmann e Almeida (2015) realizaram uma revisão bibliográfica com foco em artigos que analisavam, de modo geral, a influência do DPE sobre a mudança de atitude relacionada à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física. Os sujeitos das pesquisas, em sua maioria, foram estudantes de quarta à sexta série com idades entre oito e 13 anos, houve uma exceção na qual os sujeitos apresentaram idade até 21 anos. Sete dos nove estudos apresentados nesta revisão usaram o CAIPE-R (Block, 1995) como principal instrumento acompanhado pelo Adjective Checklist em três vezes.

Diante do que foi explicitado, observamos que alguns estudos apontam que as atitudes negativas em relação à pessoa com deficiência ainda são os principais empecilhos para a participação de alunos com deficiência (barreira atitudinal). Nesse sentido, estudos de diferentes países da Europa e Estados Unidos em relação ao DPE indicaram que, de alguma forma, esta intervenção pode realmente desempenhar, positivamente, uma melhora na atitude dos participantes sem deficiência sobre as pessoas com deficiência (PANAGIOTOU et al, 2008; XAFOPOULOS; KUDLÁČEK; EVAGGELINO, 2009; LIU; KUDLÁČEK; JEŠINA, 2010; MCKAY, 2013; MCKAY, 2015; MCKAY, 2018).

2.3 ATITUDE SOBRE DEFICIÊNCIA

As atitudes das crianças sem deficiência em relação às crianças com deficiência são importantes para a inclusão, pois, a inclusão trata-se de um processo de eliminação de barreiras para participação (UNESCO, 1994) que é influenciado pelo comportamento daqueles que não possuem deficiência. As atitudes negativas em relação à deficiência têm sido a maior barreira para a integração comunitária, inclusão e acesso (Hammel et al., 2008; Hergenrather & Rhodes, 2007; ONU, 2006; UNESCO, 1994) e são consideradas pela Organização Mundial da Saúde (2008) como causadoras de impactos negativos na plena participação na vida cívica das pessoas com deficiência.

As atitudes negativas não são advindas apenas de adultos. Estudos de revisão de literatura têm identificado que as crianças com deficiência têm sido alvos de preconceito e atitudes negativas por colegas sem deficiência (NOWICK; SANDIESON, 2002). Essas atitudes negativas não impedem apenas a participação desses alunos no cotidiano escolar, mas também levam a problemas mais sérios, como bullying, declínio no desempenho acadêmico e abandono escolar (NOWICK; SANDIESON, 2002)

A investigação sobre os determinantes de atitudes e avaliação das intervenções destinadas a melhorar as atitudes das crianças são fundamentais se quisermos melhorar as chances de sucesso social para a criança com deficiência. Allport (1954) diz que as atitudes das crianças sem deficiência em relação à inclusão de crianças com deficiência foram estudadas em vários contextos e situações educacionais. A atitude, como explicado na literatura antiga em uma faceta unidimensional, é a preparação ou a prontidão para uma resposta e a pré-condição do comportamento.

A pesquisa de Triandis (1971) estendeu a definição de atitude para ser multidimensional e incluir os componentes denominados de afetivo, cognitivo e comportamental, dando aos pesquisadores uma visão mais ampla dessa dimensão. Ao encontro disso, Jain (2014), depois de revisar algumas definições, diz que frequentemente é aceito que atitude representa a prontidão mental e neural positiva ou negativa em relação a uma pessoa, lugar, coisa ou evento e é composta pelos componentes supracitados. Esse autor considera as seguintes definições para cada componente:

O componente cognitivo refere-se aos pensamentos e crenças que um indivíduo tem sobre uma pessoa, um objeto ou lugar. Nesses pensamentos, os indivíduos sem deficiência podem acreditar nas potencialidades dos indivíduos com deficiência ou formular preconceitos

e barreiras (JAIN, 2014). Por exemplo: pessoas com deficiência podem fazer muitas coisas por conta própria.

O componente afetivo é a uma resposta que está ligada as emoções ou sentimentos sobre algo ou alguém. A atitude de um indivíduo em relação a uma pessoa não pode ser determinada simplesmente identificando suas crenças ou o que ela pensa sobre, porque a emoção atua simultaneamente com o processo cognitivo sobre uma pessoa, lugar, objeto ou evento (JAIN, 2014). Por exemplo: eu ficaria contente se uma pessoa com deficiência me convidasse para ir a sua casa.

O componente comportamental é a tendência de um indivíduo se comportar ou agir, resultando em sua atitude. Envolve a resposta para fazer uma ação em relação a uma pessoa ou objeto (JAIN, 2014). Por exemplo: eu convidaria uma pessoa com deficiência para minha festa de aniversário.

Para analisar os componentes, alguns instrumentos têm sido utilizados para verificar a atitude de crianças em relação à deficiência. Vignes et al. (2008) realizaram uma revisão de literatura para identificar instrumentos para medir as atitudes das crianças em relação aos colegas com deficiência. O foco foram os instrumentos que medem pelo menos um dos três componentes de atitudes das crianças (componentes: afetivo, cognitivo e comportamental) em relação aos colegas com deficiência e que se destinam ao autopreenchimento pelas crianças. Os 19 instrumentos que atenderam aos critérios de inclusão, 16 mediram apenas um componente de atitude (4 mediram apenas o afetivo; 5 mediram somente o componente comportamental; e 7 mediram só o componente cognitivo); um mediu componentes cognitivos e comportamentais; e dois mediram todos os três componentes. Um dos instrumentos verificados que mede os três componentes foi o CATCH e um dos sete que medem apenas o componente cognitivo é o Adjective Checklist, ambos instrumentos são utilizados neste estudo. (VIGNES et al., 2008).

Allport (1954) diz que quando as pessoas entram em contato com outras pessoas, seus preconceitos diminuem à medida que começam a entender a outra pessoa. Atitudes baseadas em experiências diretas são mais fortemente mantidas e influenciam o comportamento do que atitudes formadas indiretamente (ouvir dizer algo, ler ou assistir alguma coisa, por exemplo) (MCLEOD, 2018). As pessoas com deficiência, assim como outras pessoas, têm potencial para conviver em sociedade (ter família, amigos, trabalho, *hobby*, etc.). Portanto as “atitudes positivas em relação às pessoas com deficiência incluem crenças de que elas podem viver de forma independente, serem membros produtivos da

sociedade, levar uma vida convencional e ter a capacidade de tomar decisões por si mesmas” (TERVO; PALMER, 2004).

Portanto, auxiliar na formação de atitudes positivas é significativo, porque a atitude trata-se de um processo de consciência individual que determina possíveis atividades reais do indivíduo no mundo social, ou seja, as atitudes exercem influência sobre o comportamento e sobre a maneira de ver o mundo (NEIVA; MAURO, 2011). Nesta direção, Ajzen & Fishbein (1977) afirmam que as atitudes estão relacionadas a algum aspecto particular do indivíduo, como outra pessoa, um objeto físico, um comportamento ou uma política. Essa relação está associada à intensidade, o quanto o indivíduo interage com outra pessoa ou objeto, favorável ou desfavorável. Sendo assim, a maneira como uma pessoa reage ao meio em que está inserida é chamada de atitude.

Parece que as pessoas formam a atitude através de um processo ao longo da vida e suas vivências podem contribuir para esse processo, e no caso de crianças, no qual esse processo ainda é menor, pode coincidir com as atitudes de pessoas mais ligadas à elas diretamente como os pais. Até que essa criança aprenda e tenha consciência sobre algo, ela pode seguir os jeitos, as atitudes, empatias e preconceitos de seus modelos (pai e mãe).

As pessoas que apresentam atitudes menos positivas, tendem a evitar as pessoas com deficiência e na escola não é diferente, as crianças não têm contato com os colegas com deficiência. Essas atitudes negativas são consideradas como barreiras para o processo de inclusão, sendo assim, a sociedade se tornam mais segregadora.

Por conta disso, é importante que as pessoas, principalmente as crianças, tenham atitudes mais positivas em relação às pessoas com deficiência e, ao invés de barreiras, essas pessoas com atitudes positivas serão facilitadoras do processo de inclusão, inclusive na escola. De mesmo modo, é significativo descobrir em qual dos componentes de atitude a criança apresenta maior déficit e fazer intervenções para provocar uma melhora na atitude da mesma, as atividades que envolvem contato direto com pessoas com deficiência podem auxiliar.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta é uma pesquisa quali-quantitativa de intervenção e de caráter experimental. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa foca em pontos particulares de um contexto. Se atenta em um nível da realidade que não pode ser quantificado. Esse tipo de pesquisa se envolve com os motivos, crenças, atitudes, valores e um universo de significados correspondentes à profundidade de relações, processos e fenômenos.

Dessa maneira, inicialmente, procuramos entender a rotina e observamos os espaços da escola. No DPE observamos a importância do contato entre os participantes e o as atletas paralímpicos durante a intervenção. Os aspectos qualitativos deste estudo apareceram através de relatos dos participantes, corpo docente, graduandos e dos atletas paralímpicos. Não é possível quantificar o semblante de uma criança de 12 anos ao jogar basquete com uma cadeira de rodas de jogo pela primeira vez.

Na parte quantitativa, todas as respostas dos questionários foram convertidas em números para que um programa de computador realize as comparações, frequência de respostas e médias para um resultado do grupo analisado. Assim sendo, na pesquisa quantitativa, esclarece Fonseca (2002):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (p. 20).

A intervenção realizada teve o intuito de provocar uma maior conscientização sobre deficiência dos participantes. Gil (2010) defende a importância de considerar a intervenção como uma pesquisa, o foco se restringe ao seu caráter aplicado. As pesquisas do tipo intervenção pedagógica têm como intuito colaborar para solução de problemas práticos, servem de antagonismo às pesquisas básicas que tem como objetivo amplificar os conhecimentos, sem se preocupar com seus possíveis benefícios na prática.

Essencialmente, a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo e selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo (GIL, 2002, p. 47). Este estudo

segue este conceito ao analisar se o DPE pode influenciar a atitude de estudantes assim como suas variáveis (gênero, idade, percepção de competitividade e contato prévio). Além disso é, até então, um dos únicos em nosso país.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes deste estudo foram 170 estudantes do ensino fundamental II (5º ao 9º ano). 53% são do sexo feminino e 47% são do sexo masculino com idades entre 10 e 15 anos, regularmente matriculados na rede de ensino municipal de Florianópolis, na Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro. Atualmente nesta escola não há 9º ano do ensino fundamental no período vespertino, período em que aconteceu a intervenção.

Dos 170 estudantes, 56 estudavam no período vespertino, em que ocorreu a intervenção, e 114 no período matutino. Dentre o total de estudantes, existiram alguns alunos (aproximadamente 30) do período da manhã que participavam de um projeto no contra turno. Sendo assim, estes, mesmo sendo do período matutino foram alocados ao grupo experimental. Enquanto esse grupo permanece em período integral na escola, o que acontece no cotidiano da escola pela manhã é repassado para os colegas do período da tarde e vice-versa.

No início do tratamento de dados havia 239 participantes, no qual 69 foram excluídos por deixar de preencher mais de dois itens do questionário ou preencher mais de uma vez o mesmo item. Portanto, no total 84 alunos fizeram parte do grupo experimental e 86 do grupo controle.

Os escolares, em sua maioria, são moradores do bairro Morro das Pedras, Campeche, Armação e Pântano do Sul. A escola está localizada na Rod. "Seu Chico" Francisco Thomaz dos Santos, 1691 - Morro das Pedras, Florianópolis. A escola atende alunos do 1º ano do ensino básico até os alunos do 9º ano do ensino fundamental II (Lei 9394/96 LDB Art. 9º IV).

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

O estudo fora submetido à avaliação do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UFSC e aprovado sob o parecer 3.400.811 (Anexo B). Foi solicitado aos participantes a assinatura e preenchimento de uma anamnese, do Termo de Assentimento (Apêndice A) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). É importante frisar que os termos foram entregues à escola no dia da reunião pedagógica

previamente agendada, estes documentos foram distribuídos aos participantes e seus respectivos responsáveis. Como responsabilidade social, assumimos o compromisso com a contrapartida para o campo de pesquisa e forneceremos os resultados e análises à Unidade Educativa, bem como possibilidades posteriores de ações conjuntas com a escola. Além disso, ressalta-se que a Unidade Educativa concordou com os termos desta pesquisa e autorizou sua realização.

3.4 O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR COMO INTERVENÇÃO

Este DPE teve origem em uma conversa entre o professor de educação física da escola e a professora da disciplina de esportes adaptados da UFSC em um curso de formação continuada. Inicialmente foi realizado contato com a escola para apresentar a proposta de inserção do dia paralímpico escolar. Já na escola, nos encontramos com a coordenadora pedagógica e a diretora para a primeira reunião.

Nessa reunião foram apresentados os objetivos do DPE e seus procedimentos. A equipe escolar aceitou a proposta demonstrando interesse neste evento e posteriormente a coordenadora agendou nosso retorno ao local no dia da reunião pedagógica da escola na qual voltamos para apresentamos a proposta aos professores, atendendo aos pré-requisitos do DPE.

Durante o momento que antecedeu a inserção da proposta, foi solicitado aos integrantes do corpo docente da escola que apenas disseminassem esse conteúdo com os alunos do grupo experimental (período vespertino) para que o grupo controle não fosse afetado. Sendo assim, nossa expectativa foi que os professores inserissem este tema em suas aulas antes da realização do DPE.

Nesta primeira reunião, a coordenadora estava contando como é o dia a dia da escola e como é a rotina dos alunos até que ela lembrou que existia um aluno em que a mãe usa cadeira de rodas e que ela estava sempre envolvida nas ações da escola, uma participação bem ativa em relação aos outros responsáveis dos alunos. Descobrimos que a Naiara, essa mãe reportada, é atleta de bocha paralímpica e tem sua rotina de treinos para representar o Estado em algumas competições. Nesse momento, decidimos então que esta mãe poderia compor o evento representando a bocha paralímpica especialmente por ela pertencer aquele ambiente e ser envolvida com o contexto escolar de seu filho. Incluso neste relato, ela ressaltou a presença de apenas um aluno com deficiência motora no turno vespertino.

Além disso, percorremos a escola junto com a coordenadora tirando algumas fotos enquanto visitávamos todos os espaços existentes na escola que seriam aproveitados para a

prática das atividades no dia da intervenção (ginásio, quadra externa, pátio, área coberta, sala do tatame, sala de vídeo, etc.).

Este foi um período de aproximação e conversa com a escola. Esta é a fase anterior ao evento para fornecer informações básicas aos participantes e organizar a implementação do evento na escola fase de preparação, como recomendado pelo IPC. Um momento importante para conhecer mais sobre este âmbito escolar e quem são os integrantes que estão inseridos no cotidiano desse ambiente. Esse processo inicial com a escola vai ao encontro no que diz Wittke (2010), com o objetivo pronto, a parte principal é a negociação com a escola envolvida. Ela reforça que é importante uma conversa para discutir questões básicas e éticas sobre a intervenção e sua divulgação.

Baseada em alguns estudos que usaram o DPE (PANAGIOTOU et al, 2008; XAFOPOULOS; KUDLÁČEK; EVAGGELINO, 2009; LIU; KUDLÁČEK; JEŠINA, 2010; MCKAY, 2013; MCKAY, 2015; MCKAY, 2018), a intervenção foi planejada para seguir as recomendações do IPC. Para atender todos os escolares, contamos com o auxílio de 30 graduandos em licenciatura de educação física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), participantes da disciplina DEF5840 – Teoria e Metodologia dos Esportes Adaptados.

Os alunos da graduação receberam a oportunidade de participarem deste dia como engrenagens fundamentais para o DPE acontecer. Após algumas aulas da graduação para planejamento, ficou decidido que o DPE teria oito modalidades (futebol de 5, goalball, corrida guiada, arremessos e lançamentos do atletismo, vôlei sentado, bocha paraolímpica, basquete em cadeira de rodas e handebol em cadeira de rodas) com 45 minutos cada e então os graduandos procuraram e conseguiram a confirmação de oito atletas com deficiência da grande Florianópolis para representarem os esportes. A escolha das modalidades e estações foram fundamentadas para representar conteúdos junto com os valores citados anteriormente.

A turma da licenciatura foi dividida em oito grupos e cada grupo ficou responsável por uma modalidade. Os grupos se responsabilizaram por usarem estratégias pedagógicas como construir cartazes e levarem materiais das modalidades para facilitar o entendimento das crianças. Um representante de cada grupo foi até a escola para verificar os espaços disponíveis para as modalidades e assim adequar as atividades ao espaço disponível. Essas modalidades foram pensadas de acordo com a facilidade em aplicá-las dentro da escola e são modalidades mais tradicionais no país.

Neste momento a segunda fase do programa entrou em prática, o DPE na Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro aconteceu no dia 02 de julho de 2019. Neste dia,

foram usados alguns dos espaços da escola e cada espaço teve uma estação que representou um conteúdo junto com um dos valores citados anteriormente.

O ginásio da escola serviu para abertura e encerramento do DPE, além disso, as modalidades de handebol e basquete em cadeira de rodas dividiram a quadra. O corredor principal da escola recebeu as estações de vôlei sentado e atletismo (arremesso de peso e lançamento de disco na cadeira adaptada). Após afastar as mesas, o refeitório virou um circuito para a corrida guiada. Uma sala de aula foi utilizada para quadra de bocha paralímpica e as salas de música e vídeo foram as estações do goalball e futebol de 5 respectivamente. A escola possui um espaço externo relativamente grande, porém, as condições climáticas (dia chuvoso) não permitiram o uso dos espaços que não fosse interno.

Para atender as turmas de 1º a 8º ano, os graduandos criaram uma programação (Tabela 2) para orientar o DPE, essa programação foi embasada nos valores que o IPC sugere.

Tabela 2 – Programação utilizada na intervenção

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano
13:30-13:50	ABERTURA							
13:55 14:30	Handebol em cadeira de rodas	Futebol de 5	Basquete em cadeira de rodas	Corrida guiada	Goalball	Bocha paralímpica	Arremessos e lançamentos	Vôlei sentado
14:30 15:05	Corrida guiada	Handebol em cadeira de rodas	Futebol de 5	Basquete em cadeira de rodas	Vôlei sentado	Goalball	Bocha paralímpica	Arremessos e lançamentos
15:10-15:30	INTERVALO							
15:30 16:05	Arremessos e lançamentos	Vôlei sentado	Goalball	Bocha paralímpica	Basquete em cadeira de rodas	Corrida guiada	Handebol em cadeira de rodas	Futebol de 5
16:05 16:40	Bocha paralímpica	Arremessos e lançamentos	Vôlei sentado	Goalball	Futebol de 5	Basquete em cadeira de rodas	Corrida guiada	Handebol em cadeira de rodas
16:45-17:00	ENCERRAMENTO							

Em relação à divulgação do DPE, por intermédio da diretora, a Secretaria de Educação do município apoiou o evento e forneceu transporte dos materiais esportivos (cadeira de rodas, bolas, cadeira de arremessos e lançamentos, etc.) entre a UFSC e a escola. Com isso, alguns jornalistas divulgaram o evento através de sites (Figuras 1 e 2). A notícia também foi divulgada no site do Centro de Desportos da UFSC (Figura 3). Alguns momentos foram registrados em imagens e estão disponíveis no apêndice C.

Figura 1 - Notícia no site ND Mais com a divulgação do DPE



Figura 2 - Notícia no site NSC Total com a divulgação do DPE



Figura 3 - Notícia no site do Centro de Desportos com a divulgação do DPE



CENTRO DE DESPORTOS
UFSC

Notícias Sem categoria Escola da Capital tem evento em homenagem ao Dia Paralímpico Escolar

Escola da Capital tem evento em homenagem ao Dia Paralímpico Escolar

01/07/2019 12:45

A Escola Básica Municipal de Florianópolis José Amaro Cordeiro, situada no Morro das Pedras, no sul da Ilha, sediará um evento em homenagem ao Dia Paralímpico Escolar, amanhã, às 13h15min na Rodovia Seu Chico Francisco Thomaz dos Santos, nº 1691.

Cerca de 300 estudantes do ensino fundamental participarão de atividades esportivas desenvolvidas por paratletas profissionais, professores do estabelecimento de ensino e acadêmicos de graduação de Educação Física, da 5ª fase, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O projeto é uma parceria entre a escola e a universidade. O objetivo é que as crianças e adolescentes possam perceber as diversas possibilidades que o ser humano tem.

Serão ofertados basquete e handebol de cadeira de rodas, vôlei sentado, futebol de cinco, bocha olímpica, atletismo paralímpico (arremessos e lançamentos) e corrida guiada. Além disso, terá goalball no tatame, esporte praticado por atletas que possuem deficiência visual, onde o jogador arremessa uma bola com as mãos no gol do adversário.

— O evento contribuirá com a diminuição de barreiras que existem para o processo de inclusão social — explica Bruna Seron, professora do curso de graduação em educação física da UFSC.

Também haverá apresentação da equipe de handebol de cadeira de rodas da Associação Catarinense de Esportes Adaptados/UFSC, que representa a modalidade na Capital.

Administração »
Mídias »
Fale Conosco

UTILIDADES

Espaço Físico:
Solicitações e Reservas

Extensão - Atividades Físicas para Comunidade

Ensino »

Professores / Lattes

Departamento de Educação Física »

ACADÊMICO

Pesquisa »

Ao fim do DPE, houve uma conversa final, no local de encerramento, com todos participantes do DPE (alunos da escola, docentes da escola, atletas, graduandos, etc.). A conversa teve início com o relato do atleta paralímpico da seleção brasileira sub-18 de natação (Isaac Lorenzo) e depois as crianças fizeram questionamentos embasadas em suas curiosidades.

3.5 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.5.1 Procedimentos

A coleta foi autorizada pela escola já na primeira reunião e após o recolhimento dos termos de consentimento e assentimento. No dia da reunião pedagógica, combinamos horários com as professoras para que usássemos o horário das aulas para aplicar os instrumentos.

Os instrumentos foram aplicados duas semanas antes do DPE e reaplicados novamente uma semana após a conclusão do programa. Este intervalo de tempo anterior e posterior à realização da intervenção é sugerido por Block (1995) e conciliou com as datas

disponibilizadas pela escola para as coletas o que acabou colaborando com a logística das mesmas.

Para fazer a coleta com maior eficiência, fomos em três pesquisadores para a escola, todos devidamente instruídos e cientes das características dos instrumentos, para fazer a coleta de forma simultânea. O procedimento padrão para a coleta aconteceu com a entrada em sala de aula após a autorização da professora; apresentação dos pesquisadores seguido de uma explicação dos instrumentos e orientações para o preenchimento.

Os instrumentos estavam alocados em apenas uma folha, depois de distribuir a folha com os instrumentos para os alunos, fazíamos a leitura em voz alta e clara para que todos pudessem acompanhar e tentar agilizar o procedimento para minimizar o tempo utilizado da aula das professoras. A leitura para os alunos do 5º e 6º ano era realizada de forma mais lenta com um tempo, de aproximadamente 30 segundos para a resposta, neste intervalo de tempo era realizada uma segunda leitura do item. Os estudantes do 7º, 8º e 9º conseguiam acompanhar a leitura e responder quase que simultaneamente. O procedimento durava de 20 a 30 minutos no total.

A coleta pós-intervenção foi mais ágil em vários aspectos. As professoras, logo que nos viam pelo corredor, chamavam para entrar por já ter separado o tempo da aula para a pesquisa. A afinidade dos pesquisadores com o instrumento foi estreitada por aplicar em 18 turmas (nove na pré-intervenção e nove na pós-intervenção). Em relação aos alunos, alguns participantes do grupo controle, principalmente, respondiam de forma mais rápida por lembrar de algumas afirmações e por não passar pela intervenção.

Houve diversos questionários dos dois grupos que tiveram duas respostas na mesma afirmação enquanto outras foram deixadas em branco, principalmente no segundo momento da coleta. Acreditamos que por conta da extensão dos questionários, exigindo mais concentração e atenção.

3.5.2 Instrumentos

Para este estudo, foram aplicados quatro instrumentos (Anexo A) na seguinte ordem: uma anamnese inicial; o questionário Children's Attitudes towards Integrated Physical Education – Revised (CAIPE-R) criado por Block (1995); o instrumento Adjective Checklist, de Siperstein's (2006); e outro questionário intitulado Chedoke-mcmaster Attitudes Toward Children with Handicaps (CATCH) construído por Rosenbaum, Armstrong, King (1986). A união desses instrumentos pode ter acontecido de forma inédita.

Os instrumentos CAIPE-R e adjective checklist já existem em português devido ao trabalho de Campos, Ferreira e Block (2013). Apesar disso, entramos em contato, por e-mail, com os autores desta versão, Martin Block e Maria João Campos, que nos passaram o arquivo original e autorizaram o uso deste instrumento. O instrumento CATCH não havia em nosso idioma, dessa forma, entramos em contato, por e-mail, com o autor para solicitar autorização para tradução e transcrição de seu questionário. O autor Peter Rosenbaum prontamente nos respondeu autorizando a tradução do instrumento. A tradução foi feita por um professor da universidade juntamente com mais duas pessoas que dominam o idioma original (inglês). Foi feita uma tradução inversa (português para inglês) e enviado ao autor para que ele estivesse de acordo, o mesmo concordou com a tradução final.

A anamnese constituiu de informações pessoais como nome, turma, idade, data de nascimento, gênero, contato prévio com a deficiência (família, amigos ou nas aulas de educação física), percepção de competitividade e se já experimentou e/ou assistiu modalidades para pessoas com deficiência.

Já o instrumento CAIPE-R trata-se de uma das escalas mais utilizadas para medir as atitudes dos alunos sem deficiência em relação à inclusão de seus colegas com deficiência na educação física escolar. Este instrumento foi desenvolvido com o objetivo de medir como os alunos sem deficiência se sentem sobre a ideia de ter colegas com deficiência em sua aula de educação física. (CAMPOS; FERREIRA; BLOCK, 2013).

A escala original (CAIPE), inicialmente foi feita com 44 alunos do 6º ano, tinham de 10 a 12 anos de idade. Com base na análise desses resultados originais, um estudo semelhante foi feito com uma versão revisada da escala e foi testada em 208 estudantes da mesma idade (BLOCK 1995).

As pesquisas anteriores que relacionam o DPE com atitude de escolares usaram o CAIPE-R como instrumento norteador ou uma versão excepcionalmente modificada para explicar algumas barreiras de idioma estrangeiro (LIU, KUDLACEK E JESINA 2010; MCKAY, BLOCK E PARK 2015; PANAGIOTOU et al., 2008, XAFOPOULOS, KUDLACEK E EVAGGELIN 2009).

O questionário foi criado por Martin Block para atuar dentro da escola. Ele é um professor e é uma referência na área de educação física adaptada. Este questionário tem como origem a língua inglesa e foi validado e traduzido para a língua tcheca, para espanhol e português (Portugual). Foi usada a versão portuguesa que é a mais próxima de nosso idioma e foi validada por Campos, Ferreira e Block (2013). O questionário foi aplicado para o mesmo

público do estudo original (estudantes do ensino fundamental com idades semelhantes). Realizamos a adaptação/tradução de algumas palavras que estavam fora de contexto.

O CAIPE-R inicia com uma ligeira contextualização do ambiente (nome da escola, nome do aluno, data, idade, turma, etc.) e depois segue para uma descrição breve de um aluno hipotético chamado Junior, com uma deficiência física. A descrição aborda a questão de como será a participação de Junior na aula de educação física. Após a leitura desta descrição feita pelo professor, os alunos responderão as questões sobre suas atitudes em relação a este aluno com deficiência em sua aula de educação física. Nesta parte inicial, as orientações devem ser apresentadas a todos, simultaneamente (MCKAY; PARK; BLOCK, 2018). O instrumento tem duas partes: uma com seis questões de atitude geral sobre inclusão e uma com cinco afirmações relacionadas a adaptações nas regras que podem incluir Junior. Uma escala Likert de 4 pontos que inclui sim, provavelmente sim, provavelmente não e não, é usada para registrar respostas (BLOCK 1995).

Já o Adjective checklist de Siperstein (2006), foi desenvolvido para avaliar os julgamentos dos atributos de crianças para com os colegas com deficiência. Esses julgamentos representam atitudes cognitivas (o que o aluno pensa sobre seu colega com deficiência) baseado na escolha de 34 adjetivos, revela opiniões, sentimentos e estereótipos, positivos ou negativos (JEŠINA et al., 2006). Esse instrumento foi aplicado em outros estudos semelhantes nos Estados Unidos e, principalmente, na República Tcheca (JEŠINA et al., 2006; XAFOPOULOS; KUDLÁČEK; EVAGGELINO, 2009; LIU; KUDLÁČEK; JEŠINA, 2010; MCKAY, 2015; MCKAY, 2018).

O último instrumento no qual os participantes responderam foi o Chedoke-McMaster Attitudes Towards Children with Handicaps (CATCH). Esse instrumento foi desenvolvido por Rosenbaum, Armstrong e King (1985) e tem sido usado em diversos estudos por possuir alta validade e confiabilidade para medir a atitudes em seus três componentes: afetivo, cognitivo e comportamental (ROSENBAUM; ARMSTRONG; KING, 1985). Este questionário contém uma lista com 36 afirmações formuladas de maneira positiva ou negativa, sendo 12 afirmações por componente de atitude, as afirmações referentes aos componentes estão dispostas aleatoriamente pela lista.

3.6 ANÁLISES DE DADOS

Ao iniciar a pesquisa, aproximadamente seis estudantes se recusaram a participar do estudo, além destes, havia 239 participantes que responderam aos instrumentos e após uma

análise nos questionários de todos os participantes, foi identificado que 69 deles foram preenchidos de forma irregular, como preencher mais de uma vez o mesmo item ou deixar de responder mais de dois itens, o que ocasionou a exclusão desses participantes. Isso aconteceu com maior frequência no instrumento aplicado no pós DPE.

Os escores foram computados, um único escore de atitude do CAIPE-R pode ser determinado, ou dois escores (inclusão em modificações gerais nas aulas de educação física e do esporte) podem ser calculados, ou uma combinação dessas duas opções pode ser calculada, totalizando três escores (BLOCK 1995). Para este estudo, três escores foram utilizados (um escore total do CAIPE-R, um escore de sub-escala de inclusão e um escore de sub-escala de flexibilização de regras). As pontuações foram totalizadas atribuindo um valor numérico a cada nível da escala Likert: sim (4), provavelmente sim (3), provavelmente não (2), não (1), que foram somadas com base nas respostas obtidas. Os escores totais variaram de 11 a 44 no CAIPE-R, 7 a 28 na sub-escala de inclusão e 4 a 16 na sub-escala modificação esportiva. Essas pontuações foram tabeladas correspondentes à escala Likert (relativamente alta 35, neutra 25, relativamente baixa 15) (BLOCK, 1995).

O adjective checklist foi computado da seguinte maneira: o número total de adjetivos negativos subtraídos do número total de adjetivos positivos e em seguida foi adicionado uma constante de 20. A pontuação mínima é de 4 e a máxima é 36, sendo que as pontuações iguais ou superiores à 20 indicam atitude positiva e as pontuações inferiores à 20 indicam atitude negativa (SIPERSTEIN, 2006).

O terceiro instrumento utilizado neste estudo para analisar as atitudes gerais dos participantes foi o CATCH. Neste questionário as respostas às afirmações são pontuadas em escala Likert de 0 a 4 (0 = discordo totalmente até 4 = concordo totalmente). Sendo assim, existem afirmações negativas que foram computadas inversamente. As pontuações das afirmações de cada componente foram somadas e o resultado foi dividido por 12 (número de afirmações por componente) e depois multiplicado por 10, por exemplo: somar as 12 questões referentes ao componente cognitivo (soma = 38), depois disso, deve-se dividir esse número (38) pelo número de questões do componente ($38 \div 12 = 3,16$) e logo após, multiplicar por 10 (31,66), o resultado final deste componente foi somado aos outros dois componentes e a soma final é dividida por 3 para obter o resultado final do instrumento correspondente a cada participante. Pontuações mais altas indicam as atitudes mais positivas (ROSENBAUM; ARMSTRONG; KING, 1985).

Os dados foram tratados por meio de estatísticas descritivas, expressos por frequência de respostas absolutas e relativas, média e desvio padrão. Para as análises

inferenciais, foi verificada normalidade dos dados por meio do teste de Shapiro Wilk e utilizado teste t independente não pareado para comparar as informações pessoais com os escores de atitude, e teste de Wilcoxon para comparar as atitudes pré com as atitudes pós intervenção para um mesmo grupo. As estatísticas foram realizadas usando o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22 e a significância adotada foi de $p < 0,05$.

Ressaltamos um cuidado no tratamento dos dados, pois em todos os instrumentos, quanto maior a média dos participantes, mais positiva será sua atitude sobre a deficiência. Dessa forma, se o participante já possui atitudes positivas em relação à atitude dificilmente esse participante terá uma alteração significativa em sua atitude. Todas as experiências do DPE, principalmente o contato com os atletas com deficiência, podem ser novidades para outros participantes que podem aumentar sua média no período posterior ao DPE enquanto esse participante que já possui contato prévio manterá sua média.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 AS CRIANÇAS E O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

No dia 11 de junho aconteceu a reunião pedagógica da escola e também foi o dia em que apresentamos a proposta aos professores que imediatamente abraçaram a ideia de inserir um conteúdo paralímpico em suas aulas duas semanas antes do DPE para os alunos do período vespertino (grupo que participou da intervenção). A partir do dia em que o conteúdo básico sobre o movimento paralímpico foi iniciado, os alunos começaram a divulgar o DPE e conversar sobre. Segundo alguns relatos dos próprios estudantes, eles ficaram eufóricos e ansiosos esperando chegar o início da tarde do segundo dia de julho.

É chegado o dia pelo qual esperavam, todos os alunos foram direcionados direto para a quadra logo no início do primeiro horário. Ao se acomodarem na arquibancada para assistirem a abertura do DPE(Figura 4), empolgados, cochichavam uns com os outros com um olhar de curiosidade ao ver as cadeiras de rodas personalizadas da equipe de handebol em cadeira de rodas que aquecia para o jogo de abertura.

Figura 4 – Abertura do DPE



Durante os preparativos, realizamos uma reunião rápida entre pesquisadores, graduandos e a diretora da escola para acertar os últimos detalhes. Os espaços internos da escola foram reorganizados para as práticas devido ao tempo chuvoso.

O corpo docente da escola compareceu por completo, inclusive os funcionários da cozinha e da limpeza. Os professores da escola foram organizados para ficarem responsáveis por cada turma, respectivamente e a diretora se posicionou no centro da quadra para organizar os escolares (Figura 5). Estavam presentes também, algumas autoridades locais como o coordenador de políticas públicas para pessoa com deficiência do município, o secretário adjunto de educação e o secretário de educação de Florianópolis. A presença dessas autoridades reforça a importância e o potencial que o programa tem para agregar as estratégias de ensino e conscientização sobre a deficiência na rede municipal de educação, espalhando a proposta para que outras escolas possam sediar o programa.

Figura 5 – Diretora no meio da quadra organizando os escolares



Num primeiro momento, a prof^a Bruna (UFSC) se identificou e passou o microfone para os atletas paralímpicos se apresentarem. Em seguida, a mesma realizou uma conversa

inicial perguntou se já tinham visto, jogado ou ouviu falar do handebol em cadeira de rodas e de outras modalidades, poucos alunos (entre 8 e 15) levantaram a mão. Logo após, foi mostrada a programação para o DPE e foi explicado como seria a logística para que todas as turmas passassem por todas as modalidades.

Para encerrar a abertura, deu-se início ao jogo de exibição do handebol em cadeira de rodas. A equipe da UFSC jogou contra convidados que não possuíam deficiência, entre eles estavam alunos da graduação, a diretora da escola e o secretário de educação. A diretora e o secretário relataram nunca ter sentado em uma cadeira de rodas e nem imaginavam usar uma para fazer um esporte. Ainda assim, os dois jogaram e se divertiram e inclusive a diretora marcou um gol e os alunos que estavam na arquibancada foram ao delírio. Essa aproximação da diretora e do secretário mostra a importância do contato com os esportes adaptados. Assim os alunos observaram que eles também poderiam participar e jogar sem receios.

Quando o jogo foi finalizado, foi anunciado onde cada turma deveria ir no primeiro horário programado, os professores ajudaram neste deslocamento e no deslocamento entre as atividades durante a tarde.

Ao longo do DPE os alunos participaram de quatro das oito estações junto com os atletas com deficiência. Durante a estação do atletismo, os alunos experimentaram a petra (triciclo utilizado por atletas com paralisia cerebral) e ficaram encantados com o equipamento, faziam filas para repetir a experiência. A corrida guiada, de início, causou uma estranheza ao usarem vendas, mas ao observarem o Marco (atleta de corrida guiada de rua), sentiram-se mais confiantes e correram com seus colegas servindo de guias. Na bocha, os alunos começavam a jogar achando o jogo pouco competitivo até que as equipes que jogavam contra a equipe da Naiara (atleta de bocha paralímpica) notaram que a forma que estavam jogando, não estava sendo eficiente e começaram a observar melhor como ela realizava as jogadas, então aprenderam que o jogo é muito estratégico, competitivo e exigia mais concentração dos mesmos.

Os alunos faziam vários questionamentos para os atletas durante a roda final de cada estação. Na estação do goalball, um participante fez uma pergunta ao Leandro na roda inicial (Figura 6): “quantos dedos têm aqui?”. Outras perguntas surgiram como: “como que faz a defesa no goalball?”; “quando fecho os olhos, fica tudo escuro. Pra você fica escuro com os olhos abertos?”. Os participantes passaram pelos três esportes para pessoas com deficiência visual (goalball, futebol de 5 e corrida guiada), quando os participantes já haviam passado por uma ou duas das estações anteriores, apresentavam maior facilidade para realizarem as atividades vendados.

Figura 6 - Roda de conversa entre graduandos, atleta de goalball e as crianças



A todo o momento das atividades, os alunos da graduação conversavam com os estudantes explicando e tirando dúvidas sobre as modalidades. Os estudantes que participavam das modalidades puderam sentir as potencialidades das pessoas com deficiência e alguns sentiram algumas dificuldades em conduzir a cadeira de rodas (principalmente os escolares pequenos, das turmas iniciais) ou em usar venda pela primeira vez nas atividades vendados.

4.2 COMPARANDO INFORMAÇÕES PESSOAIS COM A PERCEPÇÃO DE ATITUDE

O presente estudo avaliou as atitudes de estudantes de uma escola municipal em relação às pessoas com deficiência. Participaram 170 alunos com média de idade de $11,9 \pm 1,4$ sendo 52,9% meninas e 47,1% meninos.

De maneira geral, esses estudantes se mostraram com atitudes positivas perante à deficiência baseados nos componentes de atitude. Para a atitude em relação à inclusão de um aluno com deficiência nas aulas de educação física a média foi de $36,3 \pm 4,6$ (o instrumento tem 11 como pontuação mínima e 44 como pontuação máxima). Para a atitude perante aos julgamentos de atributos a média foi de $27,1 \pm 4,2$ (neste instrumento, os valores abaixo de 20 são considerados negativos e os valores a cima ou igual à 20 são considerados positivos). Para atitude geral sobre deficiência, os participantes deste estudo apresentaram média de $27,8 \pm 4,4$ (este instrumento tem 0 como valor mínimo, um valor médio de 20 e o valor máximo é igual a 40).

Gênero em relação à atitude

A relação entre gênero e atitude foi investigada em outros estudos (BLOCK, 1995; VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006; CAMPOS; FERREIRA; BLOCK, 2014). Nesse sentido, as pesquisas mostraram que as meninas apresentam ter atitudes mais positivas do que os meninos em relação à inclusão de estudantes com deficiência nas aulas de educação física.

Neste trabalho, os resultados dessa variável foram diferentes aos estudos apresentados anteriormente. Ao analisar os dados antes da intervenção, o gênero dos participantes não teve influência na atitude sobre a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física ($p = 0,94$). Da mesma forma, não houve influência dessa variável no julgamento de atributos perante um colega com deficiência ($p = 0,42$) e nem na atitude geral sobre deficiência ($p = 0,55$).

Idade

Para verificar a influência da idade na atitude sobre a deficiência, o grupo foi dividido em: mais jovens (de 10 a 12 anos, $n=76$) e mais velhos (de 13 a 15, $n=94$). Como resultados, os participantes mais jovens, deste estudo, apresentaram menor percepção de atitude no componente afetivo e atitude geral sobre a deficiência (CATCH) do que os mais velhos respectivamente ($27,9 \pm 4,4$ x $29,8 \pm 4,5$; $p = 0,01$; $27,6 \pm 4,2$ x $29,2 \pm 3,8$, $p = 0,01$). No entanto, quando se trata em julgar atributos de uma pessoa com deficiência, os mais jovens se mostraram com atitudes mais positivas do que os mais velhos ($28,3 \pm 4,2$, $p = 0,01$).

Ao analisar a literatura, o estudo de Campos, Ferreira e Block (2014) observou, de maneira contrária, que os estudantes de 11 a 16 anos, considerados pelos autores como mais velhos, exibiram menor atitude quando se considerou a possibilidade de inclusão de um aluno com deficiência nas aulas de educação física. Deve-se analisar estes resultados com cautela por conta da idade dos estudantes, pois, o grupo que os autores consideram como mais velhos, estão dentro do grupo dos mais novos e mais velhos deste estudo. Da mesma maneira, Swaim e Morgan (2001) encontraram que estudantes do 6º ano tiveram atitudes menos positivas perante a um aluno mais novo (3º ano) com autismo.

Dessa forma, ao observar os resultados expostos na literatura, nossa pesquisa parece divergir com os resultados encontrados já que os mais velhos mostraram-se com atitudes mais positivas que os mais novos. Acredita-se que os estudantes mais velhos possam ter uma conscientização maior do que os mais novos.

Contato prévio

A maioria dos estudantes (64,1%) afirmaram ter contato prévio com pessoas com deficiência, seja na família, amigos ou na escola (contato significativo, conhecer a pessoa e não apenas dizer um “oi” ao passar pela pessoa). Apesar disso, ter ou não contato prévio, não influenciou a percepção de atitude sobre deficiência. Imaginava-se que os participantes que têm algum familiar ou amigo com deficiência teria maior probabilidade de apresentar maiores níveis de atitude em relação a esse amigo.

No estudo de Campos, Ferreira e Block, (2014), os participantes que tinham um membro da família ou amigo com deficiência aceitaram, de forma natural, colegas com deficiência nas aulas de educação física. Bird (1994) escreve que as crianças desenvolvem pontos de vista sobre capacidade com base em sua vivência, a aceitação e tolerância através do contato com pessoas com deficiência, pode ser por conta do conhecimento das possibilidades, capacidades e o potencial dessas pessoas.

Apesar disso, nosso estudo não identificou a influência desse contato. Contudo, devemos observar que a maioria afirmou ter contato com pessoas com deficiência e essa convivência cotidiana acaba familiarizando participando, fato que pode explicar a não interferência do contato. O professor de educação física já havia inserido o conteúdo de esportes adaptados algumas vezes, os alunos conheceram através de práticas e pesquisaram sobre o assunto. Assim, de maneira geral, os estudantes dessa escola percebem de maneira positiva uma pessoa com deficiência.

Percepção de competitividade

Essa variável pode afetar, de forma negativa, as atitudes dos alunos sem deficiência em relação à inclusão de um colega com deficiência nas aulas de educação física por poder estar associada aos aspectos competitivos da educação física (BLOCK, 1995).

Baseado nessa visão,

a cultura desportiva e competitiva, historicamente dominante nas propostas curriculares da educação física, pode criar resistências à inclusão de pessoas que são encaradas como menos capazes para um bom desempenho numa competição [...]. Essa cultura competitiva constitui uma fonte de exclusão e pode se consistir numa barreira à educação inclusiva (AGUIAR; DUARTE, 2005).

A partir dessa variável, pôde-se observar que os participantes que declararam ser muito competitivos tiveram menor percepção de atitude positiva em relação à inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de educação física, considerando a participação deste colega com deficiência na aula, ($21,8 \pm 2,7$) e também à flexibilização de regras de jogos

($12,8 \pm 1,8$) do que os colegas que se identificaram como pouco competitivos (mais ou menos competitivo ou não competitivo) no qual apresentaram média de $24,0 \pm 2,7$ na participação nas aulas e $13,9 \pm 1,6$ para flexibilização nas regras do jogo.

Diante disso, podemos refletir sobre os resultados semelhantes encontrados em pesquisas anteriores (VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006; CAMPOS; FERREIRA; BLOCK, 2014; MCKAY; PARK; BLOCK, 2018) na qual sugerem que os participantes muito competitivos podem sentir que os colegas com deficiência podem diminuir o ritmo do jogo, diminuir a intensidade da atividade ou até estragar a atividade.

Dessa forma, sugere-se aos professores de educação física que se atentem para identificar os alunos muito competitivos para estabelecer estratégias de intervenção/conscientização sobre a importância e potencialidades da presença de um aluno com deficiência nas aulas de educação física e também nas adaptações nas regras para que todos tenham sucesso no jogo.

4.3 A INFLUÊNCIA DO DIA PARALÍMPICO ESCOLAR NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE

No total, 84 passaram pela intervenção (43 meninos e 41 meninas) e 86 formaram o grupo controle (37 meninos e 49 meninas).

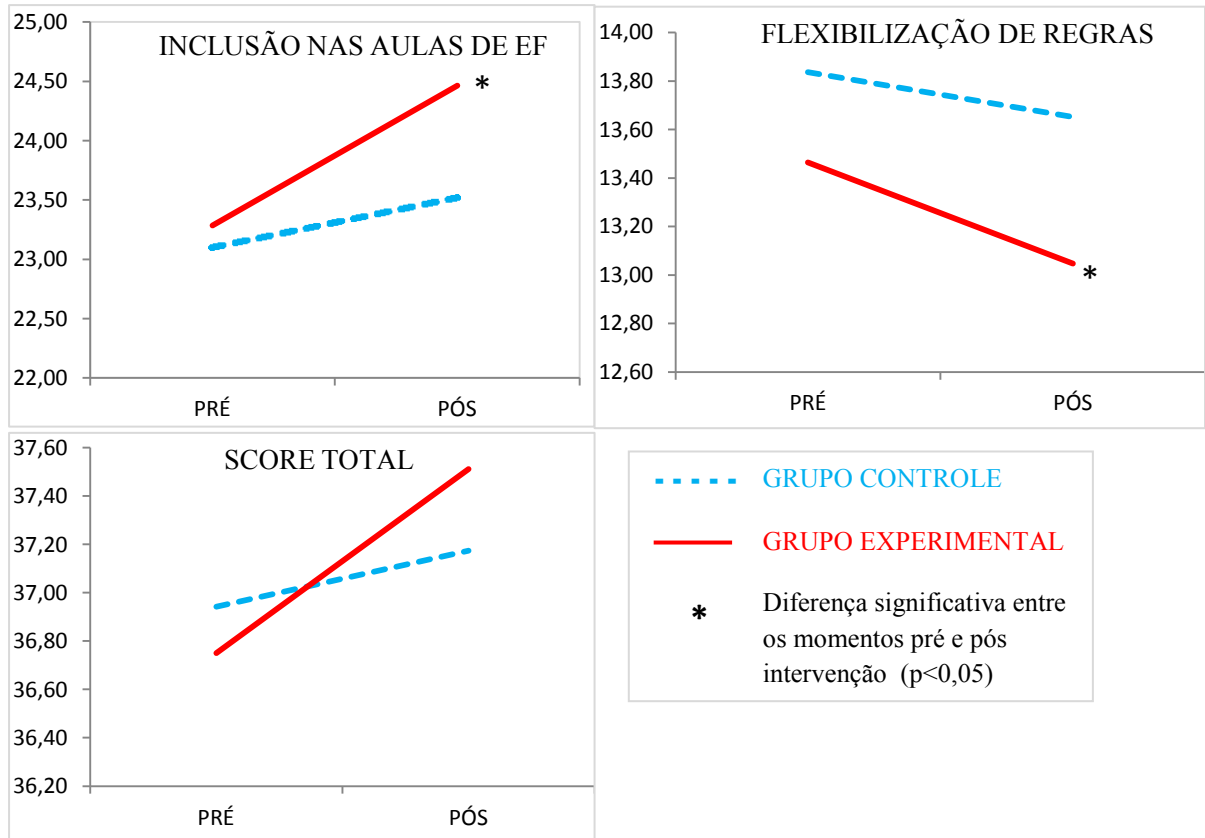
4.3.1 Atitude sobre a inclusão do aluno com deficiência nas aulas de educação física

Ao analisar a percepção de atitude sobre a inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física e o quanto os colegas sem deficiência aceitam a flexibilização de regras de jogos para que esse colega com deficiência jogue junto nas aulas de educação física (CAIPE-R), foi observado que aqueles que participaram do DPE tiveram mudanças positivas de atitude para inclusão de colegas com deficiência nas aulas de educação física na sub-escala de inclusão (pré: $23,2 \pm 3,1$; pós: $24,46 \pm 2,3$, $p=0,01$).

Contudo, esse grupo apresentou redução na atitude no que se refere à flexibilização de regras no jogo para participação do colega com deficiência (pré: $13,46 \pm 2,0$; pós $13,04 \pm 1,9$; $p=0,03$). Com isso, a soma total dos scores de atitude do grupo experimental relacionado à inclusão nas aulas de educação física se manteve a mesma, pois apesar da atitude da sub-escala de inclusão nas aulas de educação física ter aumentado, a atitude em relação à mudança de regras esportivas diminuiu. Por outro lado, o grupo que não participou da intervenção não

apresentou mudança de atitude relacionada à inclusão nas aulas de educação física para nenhuma sub-escala após o DPE (Quadro 3).

Quadro 3 - Percepção de atitude sobre inclusão de aluno com deficiência nas aulas de educação física antes e depois da intervenção



O grupo experimental se mostrou mais suscetível a mudanças de atitudes em relação à inclusão de colegas com deficiência nas aulas de educação física e na flexibilização de regras dos jogos e atividades.

Hipotetizamos que após o DPE, os participantes puderam relembrar as potencialidades das pessoas com deficiência que estavam praticando as modalidades, entendendo que os colegas com deficiência podem fazer as aulas de educação física e participar das atividades e/ou jogos. No entanto, a partir do momento que há flexibilização nas regras que coloque a pessoa com deficiência em igualdade aos adversários, os participantes sentem que o jogo será mais disputado, causando uma recusa na flexibilização das regras.

Outro fato é que, durante o DPE, o Rafael (atleta do basquete em cadeira de rodas) conseguia arremessar a bola na cesta sem precisar abaixar a cesta e ele se deslocava por toda quadra sem que fosse exigido reduzir o espaço para facilitar o jogo. Portanto, ao observar que

não foi necessário fazer alterações nas regras para este atleta, os participantes, ao responderem o questionário, podem ter associado o que aconteceu e acreditarem que o jogo poderia acontecer com as regras tradicionais para o menino (fictício), do instrumento, que também usava cadeira de rodas.

Sendo assim, o grupo que não passou pela intervenção manteve sua média enquanto o grupo que participou do DPE melhorou sua percepção de atitude frente à inclusão de colegas com deficiência nas aulas e diminuíram as atitudes na flexibilização nas regras.

Kalyvas e Reid (2003) descobriram que os participantes do estudo não concordaram com a flexibilização das regras nos esportes e isso poderia acontecer devido às crianças com nível mais alto de competição e desafio ficarem dispersas. Após presumir que os escolares querem que os colegas com deficiência participem das aulas de educação física, mas não como companheiros de equipe, os pesquisadores supõem que isso aconteça pela vontade de ganhar, tendo os colegas que possam facilitar a vitória de sua equipe.

Diante da possibilidade que os estudantes sem deficiência melhorem suas atitudes em relação à inclusão de colegas com deficiência nas aulas de educação física e também em relação à flexibilização nas regras de jogo, devemos nos atentar em práticas que coloquem os estudantes em níveis de igualdade divergentes e enfatizar a importância da participação de todos nas aulas de educação física.

4.3.2 Atitude sobre os julgamentos dos atributos para com colegas com deficiência.

Através do instrumento adjective checklist, foi analisado a atitude dos escolares que passaram pela intervenção no componente cognitivo ao pensar em adjetivos (atributos) que caracterizassem a pessoa com deficiência. Os resultados se mostraram positivos na pré intervenção. No entanto, após o DPE, aqueles que passaram pela intervenção tiveram respostas ainda mais positivas ($28,9 \pm 4,2$). Esse aumento de atitude positiva foi estatisticamente significativo ($p=0,00$) como podemos observar no quadro 4.

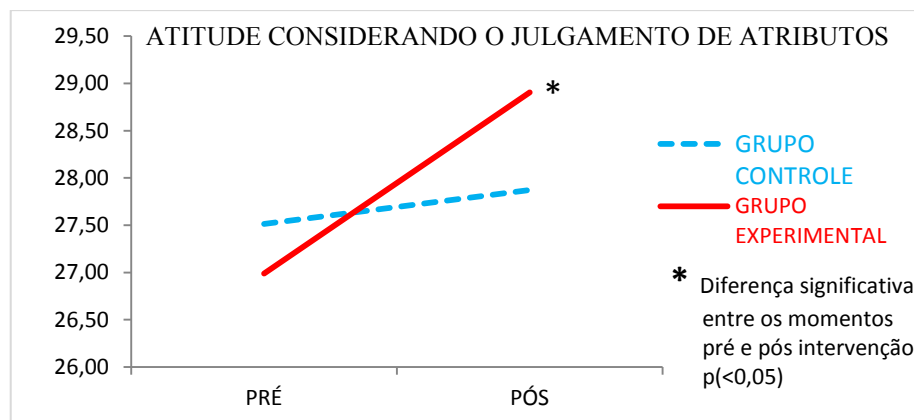
Já o grupo que não passou pela intervenção, tiveram respostas semelhantes entre os momentos pré e pós DPE. Dessa forma, esse grupo não apresentou alteração significativa de atitude cognitiva considerando o julgamento de atributos (pré: $27,5 \pm 3,8$; pós: $27,8 \pm 4,0$, $p=0,44$).

A pesquisa de McKay, Park e Block (2018) encontraram resultados semelhantes no qual o grupo que participou do DPE, teve mudança significativa nos momentos pré e pós ($p=0,04$). O grupo controle apresentou média de $21,6 \pm 3,2$ e o grupo experimental teve média

de $22,7 \pm 3,0$. Ao comparar os resultados deste estudo com a pesquisa apresentada anteriormente, percebe-se que os valores das respostas são mais positivos.

Sendo assim, o DPE foi importante para aumentar o componente cognitivo do grupo através de suas estações. Os estudantes que pensavam de forma positiva antes do DPE agora podem acreditar ainda mais nas possibilidades dos colegas com deficiência. A maneira como os atletas explicaram e demonstraram as modalidades, pode ter contribuído para esse aumento. Além disso, os escolares apresentavam curiosidades sobre o dia a dia dos atletas durante as conversas e, na maioria dos casos, os atletas têm uma vida ativa entre trabalho, estudos e treinos, alguns pegam ônibus e outros usam carro para o deslocamento pela cidade.

Quadro 4 - Percepção de atitude sobre julgamento de atributos antes e depois da intervenção



4.3.3 Atitude geral sobre deficiência

Ao pensar em analisar mudanças de atitudes em geral sobre deficiência, utilizamos o CATCH como terceiro instrumento para tentar analisar essas atitudes de acordo com as respostas dos participantes às afirmações nos componentes afetivo, cognitivo e comportamental. Os valores referenciais são: mínimo = 0, o resultado médio = 20 e o máximo é = 40.

Os resultados deste instrumento mostram que os participantes que passaram pela intervenção não tiveram alterações na percepção afetiva de atitude (pré: $28,6 \pm 4,6$; pós: $28,4 \pm 5,2$, $p= 0,68$). Apesar de não haver mudança significativa, os resultados apresentados são positivos comparados com os valores referenciais em ambos os grupos. O componente afetivo está associado ao sentimento, ao que a pessoa sem deficiência sente em relação à pessoa com deficiência (JAIN, 2014). O grupo controle também não apresentou mudança significativa neste componente.

Como este componente está ligado à sentimentos e emoções, a intensidade com que uma pessoa vivencia alguma experiência poderá determinar como essa pessoa irá enxergar o mundo ao seu redor, ou seja, o afeto estimula a demonstração de sentimentos em relação à algo ou alguém.

Em relação ao componente cognitivo, o grupo experimental demonstrou mudança positiva de atitude (pré: $27,0 \pm 4,9$; pós: $27,8 \pm 5,6$, $p= 0,00$). Os estudantes deste grupo aumentaram sua percepção de atitude depois de passar pelas estações do DPE. Esse componente está ligado à aquisição de novos conhecimentos (JAIN, 2014). Se o participante pensava de uma forma sobre pessoas com deficiência, no DPE esse participante pôde perceber as potencialidades dessas pessoas com deficiência, logo, melhorou o pensamento desse participante sobre uma pessoa com deficiência. Os atletas com deficiência explicando e tirando dúvidas das modalidades durante a conversa inicial e durante as práticas nas estações podem ter contribuído para isso.

Assim sendo, depois de todo conhecimento adquirido no DPE, segundo resultados, os escolares acham que pessoas com deficiência são felizes quanto eles, pessoas com deficiência, geralmente, não são tristes, pelo contrário, ela se divertem. De encontro a isso, o grupo controle, que não passou pela intervenção, não apresentou mudanças significativas para este componente da atitude.

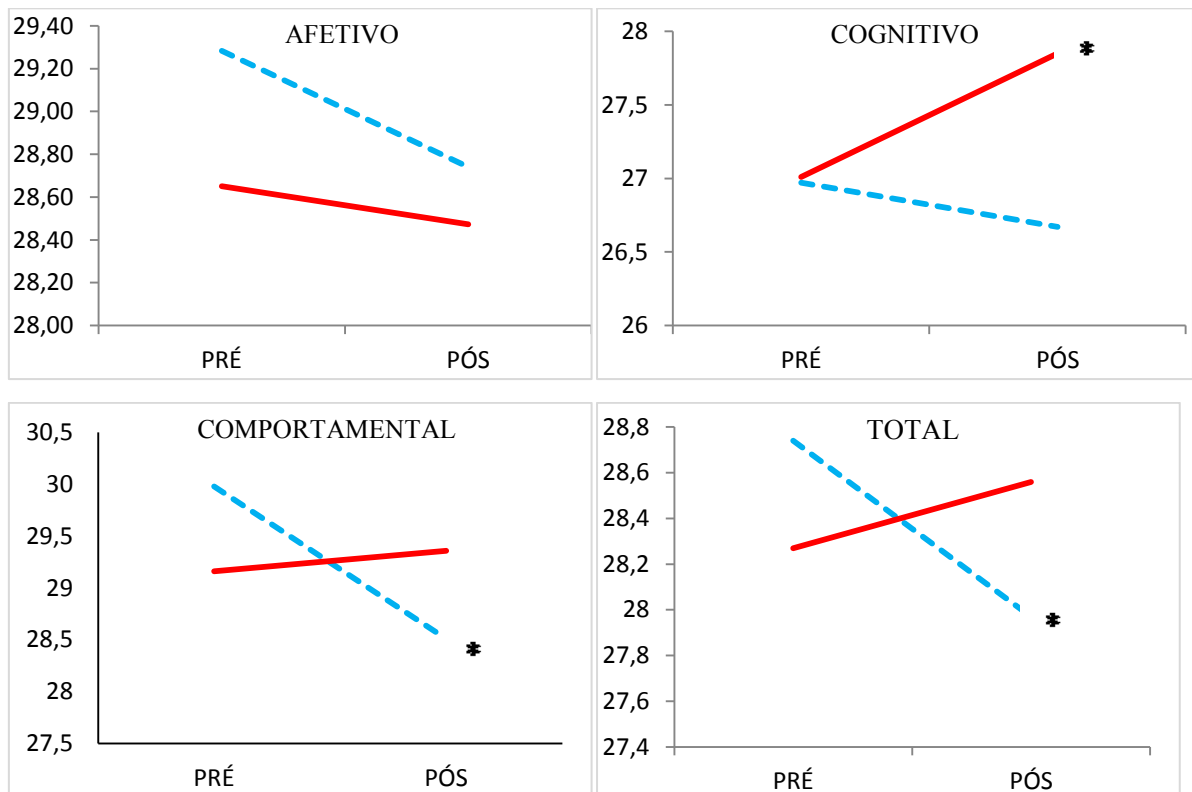
No componente comportamental, o grupo que passou pela intervenção manteve atitudes semelhantes antes e após o DPE (pré: $29,1 \pm 5,2$; pós: $29,3 \pm 6,2$, $p= 0,75$). Já, o grupo controle apresentou dados que chamaram atenção. Semelhante ao grupo experimental, os níveis de percepção comportamental de atitude antes da intervenção foram altos ($29,9 \pm 4,9$), porém, ao passar o DPE, o grupo apresentou resultados menores ($28,5 \pm 5,4$) e mudança negativa de atitude comportamental significativa ($p= 0,03$). Este componente está relacionado a como o indivíduo age ou como ele reage a uma ação (JAIN, 2014).

Acreditamos que houve um contágio na amostra do grupo experimental devido ao conjunto de alunos que frequenta a escola em período integral. Ao retornarmos para aplicar os questionários pela segunda vez no grupo controle, houve algumas reclamações por conta de apenas os alunos do período da tarde passarem pelo DPE.

Em convergência a isso, esse questionário é o que possui mais afirmações (36) entre os três, dessa forma exige concentração dos participantes para responderem. Por ser o último instrumento, pode ter sido mais cansativo. Rosenbaum, Armstrong, King (1986) recomendam 20 minutos para responder esse questionário de forma auto administrada pelos próprios estudantes.

No resultado total deste instrumento, sinalizamos que os estudantes que passaram pela intervenção não apresentaram mudança na atitude geral sobre deficiência, exceto no componente cognitivo. No entanto, o grupo controle apresentou mudança diminuindo sua atitude geral sobre deficiência sem passar pela intervenção (pré: $28,7 \pm 4,0$; pós: $27,9 \pm 4,0$, $p= 0,01$).

Quadro 5 - Percepção de atitude geral sobre deficiência



----- GRUPO CONTROLE

———— GRUPO EXPERIMENTAL

* Diferença significativa entre os momentos pré e pós intervenção

Tendo em vista o legado deixado pelo DPE na escola na qual aconteceu a intervenção, é necessário mais trabalho no componente afetivo e comportamental de crianças sem deficiência, usando estratégias para que entendam que colegas com deficiências podem precisar de mais afeto e ações, se aproximar do colega e fazer um trabalho escolar juntos, por exemplo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O DPE é um programa de conscientização e compreensão sobre a deficiência pensado para a escola. Dessa forma, esse programa junto com seu conteúdo pode ser um facilitador do processo de inclusão e participação dos escolares com deficiência. Tendo em vista que o evento pode realmente melhorar aspectos atitudinais.

Em suma, o DPE como intervenção foi um dia de aprendizado e experimentação. O contato direto com os atletas foi importante para a conscientização dos participantes, pesquisadores e graduandos e acabou criando uma expectativa para uma próxima vez. Esse programa é novo no Brasil, tanto em estudos quanto como intervenção. Com a participação de autoridades políticas neste evento, esperamos que facilite a inserção deste programa em outras instituições de ensino. Os diversos relatos dos estudantes ao fim do DPE, evidenciaram uma expectativa para uma próxima intervenção.

É importante ressaltar a participação dos atletas com deficiência neste DPE. A disseminação deste programa pode provocar outras pessoas com deficiência para que venham começar a prática de um esporte, assim, se houver outros DPE's, haverá mais atletas para compor a equipe de intervenção.

Quando observado as características pessoais dos estudantes, o contato prévio e gênero não tiveram influência na atitude sobre deficiência, contudo, idade e competitividade foram fatores que influenciaram a atitude sobre deficiência. Com isso, surge a importância da introdução de programas e atividades que colaborem com a conscientização dos escolares.

De forma geral, os participantes do DPE tiveram mudanças positivas nos componentes de atitude, especialmente no componente cognitivo, considerando o CATCH e o Adjective checklist e também para inclusão de um colega com deficiência nas aulas de educação física.

Essas mudanças são relevantes para a área da educação física e para a atuação dos professores desta área pois os escolares se mostraram interessados em incluir os colegas com deficiência nas atividades, colaborando com aulas de educação física mais participativas.

Diante disso, outros estudos podem apontar resultados mais positivos. Assim sendo, os instrumentos e variáveis podem ser usados de diferentes formas. Além do que, as variáveis são singulares de cada indivíduo e isso pode ser uma motivação para verificar diferentes contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.223-240, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382005000200005>.
- ALLPORT, Gordon W. **The Nature of Prejudice**. Boston: Addison-wesley, 1954. 554 p.
- AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. Attitude-Behavior Relations: A Theoretical Analysis and Review of Empirical Research. **Psychological Bulletin**, Massachusetts, v. 84, n. 5, p.888-918, maio 1977.
- BIRD, Lise. Creating the Capable Body: Discourses about Ability and Effort in Secondary School Studies. In: MAYALL, Berry (Ed.). **Children's Childhoods Observed And Experienced**. Washington: The Falmer Press, 1994. p. 97-113.
- BLOCK, M. Development and validation of the children's attitudes toward integrated physical education-revised (CAIPE-R) Inventory. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 12, 60-77, 1995.
- BORGMANN, Tiago; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.53-68, jan. 2015.
- BRASIL. Congresso. Senado. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. "I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;". **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Dispositivos constitucionais. 1. ed. Brasília, DISTRITO FEDERAL: Secretaria Especial de Editoração e Publicações.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: Fundação Carlos Alberto Vanzolini, 2018.
- CAMPOS, M. J.; FERREIRA, J. P.; BLOCK, M.. Analysis into the structure, validity and reliability of the children's attitudes towards integrated physical education-revised (CAIPE-R). **European Journal of Adapted Physical Activity**, v.6, n.2, p.29-37, 2013.
- CAMPOS, Maria J.; FERREIRA, José P.; BLOCK, Martin E.. Influence of an Awareness Program on Portuguese Middle and High School Students' Perceptions of Peers with Disabilities. **Psychological Reports**, [s.l.], v. 115, n. 3, p.897-912, dez. 2014. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.2466/11.15.pr0.115c26z7>.
- CDS, Ufsc. Escola da Capital tem evento em homenagem ao Dia Paralímpico Escolar. 2019. Disponível em: <<https://portalcds.ufsc.br/2019/07/01/escola-da-capital-tem-evento-em-homenagem-ao-dia-paralimpico-escolar/>>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- COMMITTEE, International Paralympic. **EUCATION**. 2006. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/the-ipc/paralympic-school-day>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

- CONVENTION ON THE RIGHTS OF PERSONS WITH DISABILITIES. 13 dez. 2006. Disponível em: <<https://www.un.org/development/desa/disabilities/convention-on-the-rights-of-persons-with-disabilities.html>>. Acesso em: 04 jul. 2019.
- EDSOUL. Escola da Capital tem evento em homenagem ao Dia Paralímpico Escolar. 2019. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/edsoul/escola-da-capital-tem-evento-em-homenagem-ao-dia-paralimpico-escolar>>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: **Atlas**. 2002.
- GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5ª ed. São Paulo: **Atlas**. 2010.
- HAMMEL, Joy et al. What does participation mean? An insider perspective from people with disabilities. **Disability And Rehabilitation**, [s.l.], v. 30, n. 19, p.1445-1460, jan. 2008. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09638280701625534>.
- HERGENRATHER, Kenneth; RHODES, Scott. Exploring Undergraduate Student Attitudes Toward Persons With Disabilities. **Rehabilitation Counseling Bulletin**, [s.l.], v. 50, n. 2, p.66-75, jan. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/00343552070500020501>.
- JAIN, Vishal. 3D MODEL OF ATTITUDE. **International Journal Of Advanced Research In Management And Social Sciences**, Oman, v. 3, n. 3, p.1-12, mar. 2014.
- JEŠINA, O. *et al* Effect of an intervention program on attitude of elementary school children toward inclusion of children with disability. **In Proceedings of the 8th European Conference of Adapted Physical Activity**. Olomouc. (2006).
- LIU, Yang; KUDLÁČEK, Martin; JEŠINA, Ondřej. The influence of Paralympic School Day on children's attitudes towards people with disabilities. **Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Gymnica, Olomouc**, v. 40, n. 2, p. 63-69, 2010.
- KALYVAS, Vassilis; REID, Greg. Sport Adaptation, Participation, and Enjoyment of Students With and Without Physical Disabilities. **Adapted Physical Activity Quarterly**. [s.l.], p. 182-199. fev. 2003.
- MCLEOD, S. A. (2018). Attitudes and behavior. Disponível em: <<https://www.simplypsychology.org/attitudes.html>>. Acesso em: 08 jun. 2019.
- MCKAY, Catherine. The Impact of Paralympic School Day on Student Attitudes Toward Inclusion in Physical Education. 2013. 314 f. Dissertação (Mestrado) - **Curso de Kinesiology, University Of Virginia**, Virginia, 2013.
- MCKAY C.; Block M.; Park JY. The Impact of Paralympic School Day on Student Attitudes Toward Inclusion in Physical Education. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 32, n.3, p.31-48, 2015.
- MCKAY, Cathy; PARK, Jung Yeon; BLOCK, Martin. Exploring the variables associated with student attitudes toward inclusion in physical education after taking part in the

Paralympic School Day programme. **International Journal of Inclusive Education**, [s.l.], p.1-19, 5 dez. 2018. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13603116.2018.1550117>.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001

ND, Redação. Florianópolis sedia evento paralímpico com atletas profissionais. 2019. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/noticias/florianopolis-sedia-evento-paralimpico-com-atletas-profissionais/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

NEIVA, R.R; Mauro, T.G. Atitudes e Mudanças de Atitudes. In: **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

NOWICKI, Elizabeth A.; SANDIESON, Robert. A Meta-Analysis of School-Age Children's Attitudes Towards Persons with Physical or Intellectual Disabilities. **International Journal Of Disability, Development And Education**. Ontario, v. 49, n. 3, p.243-265, set. 2002. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/1034912022000007270>.

PANAGIOTOU, A. K. *et al.* Attitudes of 5th and 6th grade Greek students toward the inclusion of children with disabilities in physical education classes after a Paralympic education program. **European Journal of Adapted Physical Activity**. Olomouc, v.1, n.2, p. 31–43, 2008.

PANAGIOTOU, K. A.; KUDLÁČEK, M.; EVAGGELINO, C.. The effect of the implementation of the "paralympic school – day" program on the attitudes of primary school children towards the inclusion of children with disabilities in physical education. **The Scientific Journal For Kinanthropology**. Olomouc, p. 83-87. fev. 2006.

RELATÓRIO MUNDIAL DE SAÚDE, OMS, 2008: Cuidados de Saúde Primários - Agora mais que nunca. 2008. Disponível em: < <https://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

ROSENBAUM, Peter L.; ARMSTRONG, Robert W.; KING, Susanne M. Children's Attitudes Toward Disabled Peers: A Self-Report Measure. **Journal of Pediatric Psychology**, Ontario, v. 11, n. 4, p.517-530, 20 dez. 1985.

SALAMANCA DECLARATION ON PRINCIPLES, POLICY AND PRACTICE IN THE AREA OF SPECIAL NEEDS EDUCATION, UNESCO. 1994. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394> >. Acesso em: 05 jul. 2019.

SIPERSTEIN, Gary N.. Adjective Checklist. In: SALKIND, Neil J.. **In Encyclopedia of Measurement and Statistics**. Thousand Oaks: Sage, 2006. p. 425-798.

SWAIM, Karen F.; MORGAN, Sam B.. Children's Attitudes and Behavioral Intentions Toward a Peer with Autistic Behaviors: Does a Brief Educational Intervention Have an Effect? **Journal Of Autism And Developmental Disorders**, [s.l.], v. 31, n. 2, p.195-205, 2001. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1023/a:1010703316365>.

TERVO, Raymond C; PALMER, Glen. Health professional student attitudes towards people with disability. **Clinical Rehabilitation**, [s.l.], v. 18, n. 8, p.908-915, dez. 2004. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1191/0269215504cr820oa>.

TRIANDIS, Harry C. **Attitude and Attitude Change**. Champaign: Wiley, 1971. 256 p.

TOWNSEND, Michael; HASSALL, John. Mainstream Students? Attitudes to Possible Inclusion in Unified Sports with Students who have an Intellectual Disability. **Journal Of Applied Research In Intellectual Disabilities**, Auckland, v. 20, n. 3, p.265-273, maio 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-3148.2006.00329.x>.

VAN BIESEN, D.; BUSCIGLIO, A.; VANLANDEWIJCK, Y. Attitudes towards inclusion of children with disabilities: the effect of the implementation of "A Paralympic School Day" on Flemish elementary children. **In Proceedings of the 8th European Conference of Adapted Physical Activity**. Leuven. (2006).

VIGNES, Céline et al. Measuring children's attitudes towards peers with disabilities: a review of instruments. *Developmental Medicine & Child Neurology*, [s.l.], v. 50, n. 3, p.182-189, mar. 2008. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-8749.2008.02032.x>.

XAFOPOULOS, Georgios; KUDLÁČEK, Martin; EVAGGELINOU, Christina. Effect of intervention program "Paralympic School Day" on attitudes of children attending international school towards inclusion of students with disabilities. **Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Gymnica, Olomouc**, v. 39, n. 4, p. 63-71, 2009.

WITTKE, Cleide Inês. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s.l.], v. 10, n. 3, p.807-814, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-63982010000300016>



APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de assentimento livre e esclarecido para menores

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

“O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESCOLARES SOBRE A DEFICIÊNCIA?”

Prezado(a) estudante,

Convidamos você a participar de uma pesquisa chamada “O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESCOLARES SOBRE A DEFICIÊNCIA?”, na cidade de Florianópolis, como trabalho de conclusão de curso de Educação Física em licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Com esta pesquisa buscamos analisar a influência do Dia Paralímpico Escolar na percepção de atitude de alunos sobre a deficiência de uma escola municipal de Florianópolis. Como benefícios, pensamos que essa pesquisa será para incentivar programas de conscientização sobre a deficiência no espaço escolar e verificar possíveis mudanças de atitude decorrentes desse programa na escola. A conclusão deste estudo pode auxiliar na compreensão de formação de atitudes positivas sobre a inclusão da pessoa com deficiência diminuindo barreiras sociais para a inclusão social.

A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: para realizar a pesquisa será necessário que você responda um questionário inicial para sabermos informações gerais como idade, sexo e contato prévio com pessoas com deficiência. Em seguida, você responderá um questionário com onze perguntas, que avalia sua atitude em relação a inclusão de um colega com deficiência nas aulas de educação física.

Você pode desistir de participar em qualquer fase da pesquisa e isso não trará qualquer prejuízo para você. Gostaríamos de esclarecer que as informações serão utilizadas somente para os objetivos desta pesquisa e garantimos que sua identificação não será exposta. Porém, acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas por nós, sempre existe a rara possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, mesmo assim redobramos os cuidados para que isto não aconteça. Informamos que os resultados poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos, garantindo-lhe o direito ao não expor seu nome.

Este estudo não apresenta riscos físicos a você, no entanto existe a possibilidade de você ficar com vergonha ou constrangido durante sua participação na respostas das questões relacionadas a percepção sobre seu colega com deficiência.

Você não pagará nem receberá nada por sua participação. Garantimos, no entanto, que caso ocorra despesas decorrentes da pesquisa, estas serão ressarcidas. Garantimos também o direito a indenização, caso ocorra qualquer dano vinculado à participação neste estudo.

Este documento está redigido em duas vias, e deverá ser rubricado em todas as suas páginas por você e pelo pesquisador responsável e assinado ao seu término. Uma das vias ficará com você, guarde-a cuidadosamente, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Os aspectos éticos e a confidencialidade das informações fornecidas, relativos às pesquisas com seres humanos, serão respeitados de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar (Pesquisador Responsável: Bruna Barboza Seron, Rua Deputado Antônio Edu Vieira, s/n° Centro de Desportos, Pantanal, Santa Catarina, Telefones: 48 – 999489911, email: bruna.seron@ufsc.br) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH-UFSC) que se localiza no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: 3721-6094.

Assentimento do menor:

Nome completo do menor:

RG: _____ Data de Nascimento: ____ / ____ / ____.

Assinatura do menor (ou impressão dactiloscópica)

Eu, Bruna Barboza Seron, declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador

Data: ____ / ____ / 2019.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido para pais e/ou responsáveis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E/OU

RESPONSÁVEIS

“O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESCOLARES SOBRE A DEFICIÊNCIA?”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaria de convidá-lo(a) a autorizar a participação do menor na pesquisa que se chama “O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESCOLARES SOBRE A DEFICIÊNCIA?”, na cidade de Florianópolis, como trabalho de conclusão de curso de Educação Física em licenciatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Como o participante trata-se de um(a) menor de idade, enviamos esse termo para você, pai e/ou responsável, para seu conhecimento e possível autorização da participação dele(a) se você concordar com os procedimentos a serem realizados. A presente pesquisa será realizada na escola do seu/sua filho (a), nomeadamente Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro, localizado na Rod. "Seu Chico" Francisco Thomaz dos Santos, 1691 - Morro das Pedras, Florianópolis.

Com esta pesquisa busca-se analisar a influência do Dia Paralímpico Escolar na percepção de atitude de alunos sobre a deficiência de uma escola municipal de Florianópolis. Como benefícios, pensamos que essa pesquisa será para incentivar programas de conscientização sobre a deficiência no espaço escolar e verificar possíveis mudanças de atitude decorrentes desse programa na escola. A conclusão deste estudo pode auxiliar na compreensão de formação de atitudes positivas sobre a inclusão da pessoa com deficiência diminuindo barreiras sociais para a inclusão social.

A participação do(a) menor é muito importante e ela se daria da seguinte forma: para realizar a pesquisa será necessário que ele(a) responda um questionário inicial para investigar informações gerais como idade, sexo e contato prévio com pessoas com deficiência. Em seguida, ele(a) responderá um questionário com onze perguntas, que avalia sua atitude em relação a inclusão de um colega com deficiência nas aulas de educação física.

Você tem liberdade de recusar a autorizar agora e em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Gostaríamos de esclarecer que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e assumimos a responsabilidade de manter sigilo e confidencialidade das informações, garantindo que sua identificação e do(a) menor não será

exposta. Porém, acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas pelos pesquisadores, sempre existe a remota possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional, mesmo assim redobramos os cuidados para que isto não aconteça. Informamos que os resultados poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos, garantindo-lhe o direito ao anonimato e resguardo de sua privacidade e do(a) menor.

Este estudo não apresenta riscos de natureza física ao(a) menor no entanto existe a possibilidade de mobilização emocional relacionada ao tema como, por exemplo, vergonha ou constrangido durante as respostas das questões relacionadas a percepção sobre seu colega com deficiência. Contudo, estamos dispostos a ouvi-lo(a) e interromper o procedimento, tão logo ele(a) esteja à vontade para continuá-la ou desistir.

O participante da pesquisa não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que caso ocorra despesas decorrentes da pesquisa, estas serão ressarcidas. Garantimos também o direito a indenização, caso ocorra qualquer dano vinculado à participação dele(a) neste estudo.

Este documento está redigido em duas vias, e deverá ser rubricado em todas as suas páginas por você e pelo pesquisador responsável e assinado ao seu término. Uma das vias ficará com você, guarde-a cuidadosamente, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Os aspectos éticos e a confidencialidade das informações fornecidas, relativos às pesquisas com seres humanos, serão respeitados de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar (Pesquisador Responsável: Bruna Barboza Seron, Rua Deputado Antônio Edu Vieira, s/n° Centro de Desportos, Pantanal, Santa Catarina, Telefones: 48 – 999489911, email: bruna.seron@ufsc.br) ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH-UFSC) que se localiza no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, n° 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: 3721-6094.

Nesses termos e considerando-me livre e esclarecido (a) sobre a natureza, objetivo do estudo proposto, seus riscos e benefícios, eu _____ (nome do responsável) consinto a participação voluntária do menor _____ (nome do

menor), RG nº _____, resguardando o autor do projeto a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados, garantido o anonimato. Estou consciente que posso retirá-lo do projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Assinatura do responsável

Eu, Bruna Barboza Seron, declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às possíveis questões formuladas.

Assinatura pesquisador

Data: ___/___/2019.

APÊNDICE C – Fotos das estações do DPE.

Abertura do evento, todos os envolvidos reunidos.



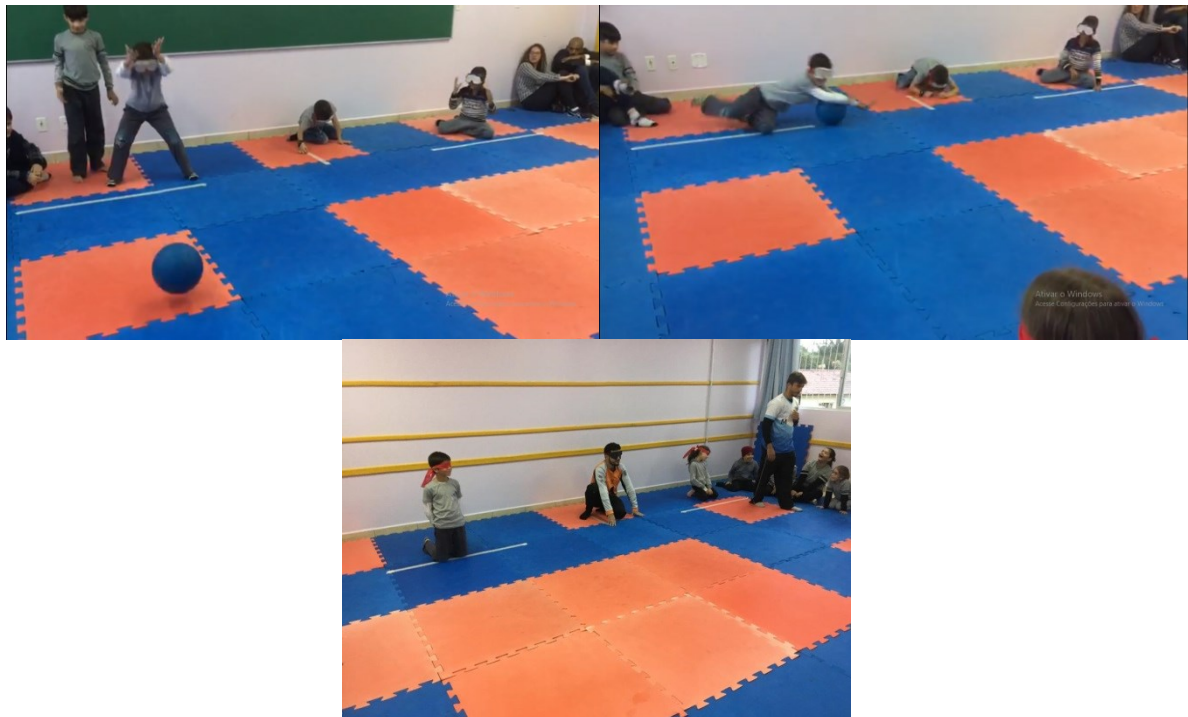
Jogo de handebol em cadeira de rodas na abertura do evento.



Bocha parolímpica: graduandos (camisa azul com branco) e a Naiara (atleta) explicando a bocha para os participantes



Estação Goalball: crianças experimentando o goalball junto com o Leandro (atleta).



Estação Volei sentado: participantes envolvidos com as atividades do volei sentado.



Estação Futebol de 5: estudantes realizando atividades vendados junto com o Tarso (atleta).



Estação atletismo: alunos experimentando a petra.



Estação Corrida guiada: crianças vivenciando a corrida com os olhos vendados



Estação Handebol em cadeira de rodas: crianças e adolescentes jogando junto com o Elias (atleta).



Estação Basquete em cadeira de rodas: estudantes jogando com Rafael (atleta) e tirando suas dúvidas na roda de conversa.



Encerramento do evento com a conversa com o Isaac (jaqueta azul claro com detalhes amarelos), atleta da natação paralímpica.



ANEXOS

ANEXO A – Instrumentos utilizados neste estudo.

Nome:

Turma: _____ Idade: _____ Data de nascimento ____/____/____ Gênero: Masculino () Feminino ()

Assinale com um (X) a opção:

1) Alguém da minha família tem deficiência? () NÃO () SIM , qual deficiência? _____
2) Algum(a) amigo(a) tem deficiência? () NÃO () SIM , qual deficiência? _____
3) Na minha turma tem ou já teve aluno(a) com deficiência? () NÃO () SIM , qual deficiência? _____
4) Nas aulas de Educação Física tem ou já tive um colega com deficiência? () NÃO () SIM Qual deficiência?-----

5) Eu sou:

() MUITO COMPETITIVO(A) Eu gosto de vencer, e fico frustrado(a) quando perco.	() MAIS OU MENOS COMPETITIVO(A) Eu gosto de vencer, mas não importa se	() NÃO COMPETITIVO(A) Realmente não importa se ganho ou perco, eu só jogo para me divertir.
--	---	--

6) Já experimentou alguma modalidade esportiva para pessoas com deficiência? () **NÃO** () **SIM**

Se sim, onde e qual :

7) Já assistiu alguma modalidade esportiva ou a algum evento esportivo para pessoas com deficiência? () **NÃO** () **SIM**

Se sim, onde e qual :

Questionário CAIPE-R

Tradução autorizada e efetuada por Campos & Ferreira, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, a partir do questionário Children's Attitudes Towards Integrated Physical Education, Revised (CAIPE - R) Block (1995).

Orientações gerais:

Este questionário contém uma série de afirmações sobre as aulas de Educação Física. Não há respostas certas ou erradas, apenas se pretendemos saber a sua opinião sobre a possível participação de um aluno, a quem vamos chamar de Junior, que poderia vir a frequentar a sua aula de Educação Física. As respostas são anónimas e confidenciais.

Junior tem a mesma idade que você, mas não consegue andar e usa uma cadeira de rodas para se deslocar. O Junior gosta de participar dos mesmos jogos que você, mas não faz muito bem. Apesar de conseguir impulsionar a cadeira de rodas, ele é mais lento que você e se cansa facilmente. Junior consegue lançar uma bola, mas não muito longe. Ele consegue segurar as bolas que são jogadas diretamente para ele, e consegue acertar numa bola com uma raquete, mas não consegue lançar uma bola de basquetebol com altura suficiente para encestá-la. Pelo fato das suas pernas não se moverem, ele não consegue chutar uma bola.

Pense no Junior ao ler as frases e assinale com um **X** a resposta que melhor descreve a sua opinião.

	SIM	PROVAVELMENTE SIM	PROVAVELMENTE NÃO	NÃO
1) Seria bom ter o Junior na minha aula de Educação Física.				
2) Uma vez que o Junior não consegue jogar muito bem, ele iria tornar o jogo mais lento para todos.				
3) Se fôssemos praticar um jogo de equipe como o basquetebol, seria bom ter o Junior na equipe.				
4) A Educação Física seria divertida se o Junior estivesse nas minhas aulas.				

5) Se o Junior estivesse na minha aula de Educação Física, eu conversaria com ele e seria seu amigo.				
6) Se o Junior estivesse na minha aula de Educação Física, gostaria de ajudá-lo a jogar.				
7) Se fôssemos jogar basquetebol, eu estaria disposto a passar a bola ao Junior.				

Que alterações nas regras você acharia correto fazer, para que um aluno como o Junior pudesse jogar basquetebol?

	SIM	PROVAVELMENTE SIM	PROVAVELMENTE NÃO	NÃO
8) Durante as aulas de basquetebol, seria bom permitir que o Junior lançasse a bola para uma cesta mais baixa.				
9) Se fôssemos jogar basquetebol e o Junior estivesse na área restritiva ("garrafão"), permitiria que ele permanecesse por mais tempo (cinco segundo em vez de três).				
10) Seria bom deixar o Junior fazer passes livremente para um colega de equipe (ou seja, ninguém poderia roubar a bola ao Junior).				
11) Se fôssemos jogar basquetebol e o Junior pegasse na bola, ajudaria e cooperaria para que ele marcasse uma cesta (estando o Junior na minha equipe).				

Agora vou pedir para colocarem um círculo em volta das palavras que acham que melhor descreve o Junior. Relembro que não há respostas certas ou erradas, tudo depende da opinião de cada um.

Se tivesse que descrever o Junior aos seus colegas, que tipo de palavras você usaria para descrevê-lo? A baixo está uma lista de palavras para ajudar você. Faça um círculo em volta das palavras que você usaria. Pode usar as palavras que você quiser.

Aqui está a lista:

<i>Saudável</i>	<i>Inteligente</i>	<i>Maluco</i>	<i>Honesto</i>	<i>Solitário</i>	<i>Orgulhoso</i>	<i>Infeliz</i>
<i>Aborrecido</i>	<i>Amigável</i>	<i>Contente</i>	<i>Desonesto</i>	<i>Mau</i>	<i>Amável</i>	<i>Tolo</i>
<i>Lento</i>	<i>Alerta</i>	<i>Ganancioso</i>	<i>Envergonhado</i>	<i>Bonito</i>	<i>Fraco</i>	<i>Feliz</i>
<i>Atencioso</i>	<i>Triste</i>	<i>Estúpido</i>	<i>Esperto</i>	<i>Feio</i>	<i>Animado</i>	<i>Bem</i>
<i>Desleixado</i>	<i>Ok</i>	<i>Alegre</i>	<i>Cuidadoso</i>	<i>Cruel</i>	<i>Descuidado</i>	<i>comportado</i>

Este questionário abaixo é sobre o que você sabe ou pensa sobre uma pessoa que tem deficiência.

Por favor, leia cada afirmação com atenção e decida como você se sente sobre cada uma das afirmações e como você gostaria de responder – lembre-se que não há resposta errada.

		Discordo totalmente	Discordo	Não sei decidir	Concordo	Concordo totalmente
1	Eu não me importaria se uma pessoa com deficiência sentasse perto de mim.					
2	Eu não apresentaria uma pessoa com deficiência para meus amigos.					
3	Pessoas com deficiência podem fazer muitas coisas para elas mesmas.					
4	Eu não saberia o que falar para uma pessoa com deficiência.					
5	Pessoas com deficiência gostam de brincar.					
6	Eu sinto pena de pessoas com deficiência.					
7	Eu defenderia uma pessoa com deficiência que estivesse sendo provocada.					
8	Pessoas com deficiência querem muita atenção dos adultos.					
9	Eu convidaria uma pessoa com deficiência para minha festa de					

	aniversário.					
10	Eu teria medo de uma pessoa com deficiência.					
11	Eu conversaria com uma pessoa com deficiência que eu não conheço.					
12	Pessoas com deficiência não gostam de fazer amigos.					
13	Eu gostaria que uma pessoa com deficiência fosse meu vizinho.					
14	Pessoas com deficiência sentem pena delas mesmas.					
15	Eu ficaria feliz de ter um amigão com deficiência.					
16	Eu tentaria me manter distante de uma pessoa com deficiência.					
17	Pessoas com deficiência são tão felizes como eu.					
18	Eu não gostaria tanto de um amigo com deficiência quanto eu gosto dos meus outros amigos.					
19	Pessoas com deficiência sabem como se comportar.					
20	Na sala de aula, eu não sentaria perto de uma pessoa com deficiência.					
21	Eu ficaria contente se uma pessoa com deficiência me convidasse para ir a sua casa.					
22	Eu tento não olhar para alguém que tem deficiência.					
23	Eu me sentiria bem fazendo um trabalho na escola com uma pessoa com deficiência.					
24	Pessoas com deficiência não se divertem.					
25	Eu convidaria uma pessoa com deficiência para dormir na minha casa.					
26	Estar perto de alguém com deficiência me assusta.					
27	Pessoas com deficiência se interessam por muitas coisas.					
28	Eu ficaria com vergonha se um pessoa com deficiência me convidasse para o seu aniversário.					
29	Eu contaria os meus segredos para uma pessoa com deficiência.					
30	Pessoas com deficiência geralmente são tristes.					
31	Eu iria curtir estar com uma pessoa com deficiência.					
32	Eu não iria na casa de uma pessoa com deficiência para brincar.					
33	Pessoas com deficiência podem fazer novos amigos.					
34	Eu fico chateado quando vejo uma pessoa com deficiência.					
35	Eu perderia o recreio para fazer companhia a uma pessoa com deficiência.					
36	Pessoas com deficiência precisam de muita ajuda para fazer as coisas.					

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O DIA PARALÍMPICO ESCOLAR INFLUENCIA NA PERCEPÇÃO DE ATITUDE DE ESCOLAR SOBRE A DEFICIÊNCIA?

Pesquisador: Bruna Barboza Seron

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15249019.0.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.400.811

Apresentação do Projeto:

TCC de Moisés da Rocha, do curso de graduação em educação física da UFSC, orientado por Bruna Barboza Seron.

Esta é uma pesquisa de intervenção de cunho experimental. Os participantes deste estudo serão aproximadamente 120 alunos do ensino fundamental. Essa intervenção acontecerá por meio do Dia Paralímpico Escolar que é um programa do Comitê Paralímpico Internacional que promove, através de um evento organizado dentro da escola, conscientização e entendimento sobre as pessoas com deficiência e esporte, de maneira criativa, dinâmica, divertida e flexível. Para este estudo, serão aplicados dois questionários: uma anamnese inicial e o questionário Children's Attitudes towards Integrated Physical Education – Revised (CAIPE-R) Block (1995). A anamnese constituirá de informações pessoais como sexo, idade e contato prévio sobre a deficiência. Já o instrumento CAIPE-R trata-se de uma das escalas mais utilizadas para medir as atitudes dos alunos sem deficiência em relação à inclusão de seus colegas com deficiência na educação física escolar. Os dados serão tratados por meio de estatísticas descritivas, expressos por frequência de respostas absolutas e relativas e análises inferenciais para relacionar as informações pessoais com os escores de atitude.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.400.811

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a influência do Dia Paralímpico Escolar na percepção de atitude sobre a deficiência de alunos de uma escola municipal de Florianópolis.

Objetivo Secundário:

Relacionar informações pessoais (sexo, idade e contato prévio com a deficiência) com a percepção de atitude sobre a inclusão do aluno com deficiência nas aulas de educação física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo não apresenta riscos de natureza física ao(a) menor no entanto existe a possibilidade de mobilização emocional relacionada ao tema como, por exemplo, vergonha ou constrangido durante as respostas das questões relacionadas a percepção sobre seu colega com deficiência.

No TCLE os pesquisadores mencionam ainda o risco de quebra de sigilo, ainda que remoto e não intencional.

Benefícios:

Este estudo pode auxiliar na compreensão mais aprofundada sobre deficiência nas salas de aula das escolas e das universidades, e também na formação de atitudes positivas sobre as pessoas com deficiência diminuindo barreiras sociais para a inclusão social. Além disso, os alunos participarão de um evento novo na escola, conhecendo e praticando esportes paralímpicos e também irão participar de palestras sobre o tema: Dia Paralímpico Escolar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários adicionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto assinada pela pesquisadora responsável e pela subcoordenadora dos cursos de educação física da UFSC.

Declaração da gerência de formação continuada da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, autorizando a pesquisa e comprometendo-se com os termos da res. 466/12.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 3.400.811

O cronograma prevê a coleta de dados entre 01/08/2019 e 30/08/2019.

O orçamento prevê despesas de R\$ 200,00 com financiamento próprio.

Questionário a ser aplicado aos participantes consta do projeto.

TCLE aos responsáveis pelos menores, claro nos objetivos, procedimentos e riscos, e que atende essencialmente a todas as exigências da res. 466/12.

TALE adequado à faixa etária dos participantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1369420.pdf	07/06/2019 10:50:30		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResp.docx	07/06/2019 10:49:48	Bruna Barboza Seron	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_completo.docx	31/05/2019 15:01:44	Bruna Barboza Seron	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_SME.pdf	31/05/2019 15:01:36	Bruna Barboza Seron	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	31/05/2019 14:58:12	Bruna Barboza Seron	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	31/05/2019 14:57:56	Bruna Barboza Seron	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.400.811

FLORIANOPOLIS, 19 de Junho de 2019

Assinado por:
Maria Luiza Bazzo
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br